



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS- CSHNB
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ANTONIA ALAÍDE VELOSO

**RELIGIOSIDADE CATÓLICA, PROCISÕES A PADROEIRA, FÉ QUE SE TORNOU
CULTURA NA CIDADE DE PICOS (1975 – 2001).**

PICOS-PI
2017

ANTONIA ALAÍDE VELOSO

**RELIGIOSIDADE CATÓLICA, PROCISÕES A PADROEIRA, FÉ QUE SE TORNOU
CULTURA NA CIDADE DE PICOS (1975 – 2001).**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Como requisito parcial para obtenção do de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

V437r Veloso, Antonia Alaíde.

Religiosidade católica, procissões a padroeira, fé que se tornou cultura na cidade de Picos (1975 – 2001). / Antonia Alaíde Veloso. -- Picos,PI, 2017.

68 f.

CD-ROM: il; 4 ¾ pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2019.

“Orientador(A): Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos.”

1. Religiosidade - Catolicismo 2. Picos/PI. 3. Procissão Religiosa. 4. História Oral. I. Título.

CDD 981.812 2

Biblioteca José Albano de Macêdo

Elaborada por Rafael Gomes de Sousa CRB 3/1163



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos seis (06) dias do mês de dezembro de 2017, no Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Antonia Alaíde Veloso** sob o título **Religiosidade católica, procissões a padroeira, fé que se tornou cultura na cidade de Picos (1975 – 2001)**.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos
Examinador 1: Prof. Dr. Agostinho Júnior Holanda Coe
Examinadora 2: Profª Ma. Sabrina Verônica Gonçalves Lima

Deliberou pela APROVAÇÃO do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 8,8.

Picos (PI), 06 de dezembro de 2017.

Orientador (a): Raimundo Nonato Lima dos Santos
Examinador (a) 1: Agostinho Júnior Holanda Coe
Examinador (a) 2: Sabrina Verônica Gonçalves Lima

AGRADECIMENTOS

Nunca pensei que seria tão difícil elaborar uma pesquisa desta magnitude, e para tanto, é impossível a realização de um trabalho sozinha, infelizmente descobri tarde demais que podemos contar com poucas pessoas. Descobri isso quando em minhas primeiras dificuldades que necessitei de ajuda e não as tive. Porém, não desanimei e continuei buscando. No meu intento encontrei pessoas que estavam dispostas a me ajudar, me apoiando e dispondo do seu tempo. E estas com certeza são muito especiais e é por elas que desejo meus agradecimentos.

Em primeiro lugar a Deus que sem ele esta jornada seria impossível. Sempre que necessitei de sua ajuda e confiante em minhas orações, ele me ouviu e me acolheu.

A minha mãe pessoa que me deu a vida e sempre me deu forças para continuar lutando e seguindo em frente, esta sempre esteve ao meu lado me apoiando e nunca me deixa desanimar.

Agradeço a meu esposo que segurou a barra e me deu oportunidade para que eu me dedicasse somente aos meus estudos.

Agradeço as minhas colegas Regivalda e Lutegardes, colegas de grupo, amigas e parceiras que sempre estiveram ao meu lado nas horas mais difíceis. E contribuíram para que eu não desanimasse em meio à caminhada.

A todos os meus professores que nesta longa caminhada da vida acadêmica contribuíram para meu aprendizado, e com eles aprendi ainda mais a ser uma pessoa melhor, quebrar preconceitos, ser crítica e lutar pelo que quero.

Em especial agradeço ao meu professor orientador Raimundo Nonato Lima dos Santos que me acolheu quando eu acreditava que ninguém mais se interessaria pela minha ideia de pesquisa, ele aceitou me orientar, com toda paciência e dedicação. Não poderia ter escolhido melhor orientação.

Agradeço também a meus entrevistados em especial a minha entrevistada, dona Maria Lélis, colaboradora da minha pesquisa que disponibilizou muito do seu tempo e me confiou suas fontes para que eu utilizasse no meu trabalho.

Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. (POLLAK, 1992, p. 2-3).

RESUMO

A presente pesquisa analisa as características das procissões em homenagens a santa padroeira Nossa Senhora dos Remédios da cidade de Picos. Para esta análise foi escolhido o recorte temporal visando um período de intensa manifestação de alegria e fé na cidade de Picos, este período data de 1975 a 2001, data da iniciação da diocese de Picos, comandada durante todo esse período pelo bispo diocesano Dom Augusto Alves da Rocha, onde nesse trabalho também será contemplado com a história do seu bispado aqui na cidade. Para esse estudo analisamos fontes como o livro de tombo da catedral de Nossa Senhora dos Remédios, que possibilitou registros pertinentes à pesquisa. No desenvolvimento deste trabalho foi escolhido o método da história oral, para isto foi realizado entrevistas com pessoas que participaram, durante o recorte temporal, das práticas das procissões em homenagem a santa padroeira Nossa Senhora dos Remédios. Para o referencial teórico foi utilizada as contribuições dos conceitos da autora Sônia Maria de Freitas sobre a história oral e Michel Pollak com memória e identidade social. Estes estudos contribuíram para compreendermos como a história oral trabalha as questões da memória em relação à força social que mantém as devoções dos fieis nas práticas vivenciadas nas caminhadas em procissões mantendo o fervor da tradição cultural da cidade de Picos.

Palavras-chave: Nossa Senhora dos Remédios. Prática de procissões. História Oral. Picos.

ABSTRACT

The present research analyzes the characteristics of the processions in homage to the patron saint of Nossa Senhora dos Remédios of the city of Picos. For this analysis was chosen the temporal cut for a period of intense joy and faith in the city of Picos, this period dates from 1975 to 2001, the initiation of the diocese of Picos, commanded throughout this period by the diocesan bishop Dom Augusto Alves Da Rocha, where in this work will also be contemplated with the history of his bishopric here in the city. For this study we analyzed sources such as the tombo book of the Cathedral of Nossa Senhora dos Remédios, which enabled relevant records to the research. In the development of this work, the oral history method was chosen. For this purpose, interviews were conducted with people who participated, during the temporal cut, in the practices of the processions in honor of the patron saint of Our Lady of Remedies. For the theoretical reference was used the contributions of the concepts of the author Sônia Maria de Freitas on oral history and Michel Pollak with memory and social identity. These studies contributed to understand how oral history works the questions of memory in relation to the social force that maintains the devotions of the faithful in the practices lived in the walks in processions maintaining the fervor of the cultural tradition of the city of Picos.

Keywords: Our Lady of Remedies. Practical processions. Oral History. Peaks.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Cemitério do Tanque, 1914.....	16
Figura 2: Início do povoamento de Picos, 1925.....	18
Figura 3: Representação do escravo carregando a imagem.....	20
Figura 4: Representação do coronel e do vaqueiro recebendo a imagem, 2017.....	23
Figura 5: Devotos levando a imagem da santa em andor.	26
Figura: 6: Imagem da N.S dos Remédios 1970.....	28
Figura: 7: Imagem da Igrejinha do Sagrado Coração de Jesus.....	28
Figura 8: Posse como 1º Bispo da Diocese de Picos, 1975.....	36
Figura 9: D. Augusto recebe a chave da cidade de Picos, 1975.....	33
Figura 10: Município de Picos nos anos 1970.....	35
Figura 11: Carro alegórico que leva a imagem em procissão, 2017.....	48
Figura 12: Procissão religiosa próxima a Praça Felix Pacheco, meados de 1950.....	49
Figura 14: Procissão religiosa seguindo as ruas da cidade de Picos, meados de 1950.....	50
Figura 15: representação da vinda da santa para Picos.....	52

SUMÁRIO

I INTRODUÇÃO.....	11
1 RELIGIOSIDADE NA CIDADE DE PICOS, DEVOÇÕES À PADROEIRA NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS.....	15
1.1 História da vinda da Nossa Senhora dos Remédios à cidade de Picos.....	15
1.2 Chegada da Diocese em Picos.....	29
2 AS PROCISSÕES COMO SÍMBOLO DE TRADIÇÃO E CULTURA PICOENSE.....	40
2.1 Procissões.....	40
2.2 A importância dos rituais de procissões como preservação da cultura.....	56
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS.....	66

INTRODUÇÃO

Desde criança presencio a fé e a religiosidade dos picoenses. Lembro-me de quando muito pequena nos braços de minha mãe percorríamos ruas e mais ruas em caminhada nas procissões da padroeira da cidade, a Nossa Senhora dos Remédios. Muitas vezes na chuva ou no sol ardente, isso não importava, a fé mantinha-se presente na voz forte e alta da minha mãe que na longa caminhada pela cidade cantava junto a grande multidão os cânticos em homenagem a santa padroeira da cidade.

A fé sempre se manteve presente aos devotos da igreja católica de Picos. Centenas de pessoas buscam através da religiosidade conseguir seus milagres, curas ou bênçãos, ou até mesmo agradecer algumas bênçãos recebidas. E são as práticas, os ritos e a fé que levam esses devotos a manterem a esperança viva em suas vidas. A crença nos rituais da igreja católica e nas práticas religiosas é muito mais que fé e religião para os picoenses. Ela tornou-se uma cultura, parte fundamental na vida dos cristãos de Picos, e que se originou desde o início da sua cidade e se tornou ainda mais forte com a fundação da Igreja matriz de Picos, onde se consolidou definitivamente a estada da imagem da santa padroeira de Nossa Senhora dos Remédios.

A decisão da escolha do tema desta pesquisa foi por ter tido a experiência pessoal com as procissões a Nossa Senhora dos Remédios e pelo convívio com a vida religiosa dos cristãos picoenses. Cidade onde nasci e cresci e pude participar e acompanhar de perto o fervor dos festejos a padroeira e não só estas, mas também todas as procissões em comemoração a fé religiosa da igreja católica de Picos.

Todos os anos são esperados por toda a população da cidade e de interiores vizinhos à festa da padroeira de Picos e é por esta razão que acaba provocando uma grande mobilização para acompanhar as procissões e ao mesmo tempo transforma o cenário da cidade dando-lhe um caráter de sociabilidade cultural. Portanto, foi nessa perspectiva que tive o intento de realizar esta pesquisa. E quero através deste tema pesquisar mais a fundo sobre esse vasto campo de experiências de fé espiritual e religiosa na vida dos picoenses.

Partindo da documentação das fontes contidas nos manuscritos da Igreja Matriz até alguns relatos dos devotos católicos da cidade de Picos, sentimos necessidade de compreender melhor como as práticas de procissões em especial a de homenagem à santa padroeira de Picos influenciou na vida dos picoenses, e como essa prática tornou-

se cultura na cidade em que todos os anos movem centenas de fieis com festejos envolvendo variados tipos de procissões percorrendo as principais ruas da cidade.

Escolhi o recorte temporal de 1975 quando se instalou aqui em Picos a diocese no comando do Bispo Dom Augusto Alves da Rocha e termino em 2001 quando este se desvinculou da diocese de Picos. A partir da instauração da diocese de Picos as práticas religiosas se tornaram mais fortes. Agora o sistema da igreja católica estava completo na administração de um bispado e, portanto as práticas das procissões acabaram por se intensificar.

Para a realização deste trabalho utilizamos fontes orais visto que as fontes em relação a esse período são poucas. As poucas fontes documentais também foram analisadas. Entre elas folhetos da igreja, livretos, documentos fornecidos pela igreja matriz, fotos históricas contendo passeatas de procissões e festejos à santa Nossa Senhora dos Remédios.

Para o aprimoramento desta pesquisa busquei um estudo do trabalho de autores que estudaram esta mesma linha temática como o de Gislayne Oliveira Santana (2014) que contém o tema, "Dom Expedito Lopes-PI: ritos e devoções a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (1967 – 2007)". Nesse trabalho, Gislayne Santana procurou pesquisar sobre a religiosidade popular em sua cidade, Dom Expedito Lopes, a pesquisa se baseia nos ritos e devoções a nossa senhora do Perpetuo Socorro, pontuando os pontos que os caracterizava. Em seu trabalho ela aborda as questões religiosas e como se deu o processo de concretização da fé dos fieis da cidade. Este assunto procura também visar um estudo no âmbito do aspecto social e cultural da cidade.

Também utilizei o trabalho "Religiosidade católica na cidade de Francisco Santos-PI: Os Festejos da Igreja Imaculado Coração de Maria no período de 1980 aos dias atuais", escrito pela autora Maria Crislane da Silva Sousa (2014). Este estudo analisa informações referente aos festejos da Igreja Imaculado Coração de Maria, na cidade de Francisco Santos. A autora relata ainda que sua intenção da escolha desse tema foi por uma vontade pessoal de saber mais a fundo sobre as práticas religiosas de sua cidade, ela afirma também que observa as ações e praticas das procissões desde criança. Fato este que também me interessou muito, pois a partir da memória de acontecimentos de quando criança e pela vivência com a fé dos devotos católicos da cidade de Picos foi que tive a intenção de realizar essa pesquisa não só pela curiosidade de entender melhor os aspectos da vida religiosa que se manifesta em Picos, mas, quero aqui sistematizar os assuntos que levou esta fé católica celebrada nas procissões e

adorações a santa padroeira de Picos a uma tradição tão forte perpetuada de longas datas, para hoje ser considerada uma movimentação cultural nesta cidade.

Para auxiliar nas reflexões teóricas contamos com os textos do autor Michael Pollak (1992). Em “Memória e identidade social” o referido autor trabalha com a ligação entre ambos, no seio da pesquisa das histórias de vida, ou melhor, a história oral, nesse caso há uma preocupação com as questões de memória utilizadas a partir de entrevistas e como interpretar esse material. O referido autor trabalha com os ideais de Maurice Halbwachs quando ele coloca que a memória deve ser entendida não só como algo individual, mas também como algo coletivo e social variante de mudanças. É obvio que há possibilidades de não haver essas variações em alguns casos, na memória, por exemplo, a situações tanto com memória coletiva ou individual, alguns acontecimentos acabam por solidificar-se na mente das pessoas transformando estes em permanentes sem variantes. Suas considerações são importantes para entender a história oral como algo importante para o estudo do historiador.

Utilizei também a o trabalho da Sônia Maria de Freitas (2006) sobre História Oral, que me auxiliou na análise dos depoimentos colhidos nas entrevistas. Nesse aspecto, podemos considerar que a história oral nos últimos tempos tornou-se um grande instrumento para escrevermos a historiografia, a partir do procedimento de pesquisa através de entrevistas realizadas no cerne das experiências de histórias de vida dos seres humanos. É importante perceber que as fontes orais se dão a partir da técnica de pesquisa sobre narrativas contadas de experiências do entrevistado, sobre histórias e acontecimentos que se passaram na sua vida ou que lhe foram herdadas como memória e repassadas por gerações.

No primeiro capítulo, intitulado de “Religiosidade na cidade de Picos, devoções à padroeira Nossa Senhora dos Remédios” abordei a chegada da santa em Picos, como esta veio, quem a trouxe, as reações dos seus devotos. E, ao mesmo tempo, utilizei da memória vivenciada por gerações de fieis picoenses que viveram esta passagem histórica e perpetuaram suas memórias com seus herdeiros transmitindo relatos sobre o acontecimento da história da chegada da santa que se tornou padroeira da cidade de Picos. E ainda no segundo tópico falo sobre a chegada da diocese na cidade de Picos, contemplando o recorte temporal de 1975 a 2001, fato de ocorrência da duração em que permaneceu como bispo o senhor Dom Augusto Alves da Rocha.

No segundo capítulo intitulado de “As procissões símbolo de tradição e cultura picoense” abordarei à importância que os devotos da cidade de Picos têm em relação às

festas religiosas comemoradas com as praticas de procissões, consideradas festas tradicionais para isto também colocarei uma discussão a respeito do termo “tradição”, que tanto são citados pelos depoentes. No quesito procissão abordarei em especial as procissões a santa Nossa Senhora dos Remédios padroeira da cidade. Desenvolverei o capítulo apontando como as procissões transformam o ambiente físico da cidade e como estas comemorações tradicionais de procissões conseguem mobilizar boa parte da cidade e interiores vizinhos caracterizando assim como ato de cultura e sociabilidade.

CAPÍTULO 1

1 RELIGIOSIDADE NA CIDADE DE PICOS, DEVOÇÕES À PADROEIRA NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS.

1.1 História da vinda de Nossa Senhora dos Remédios à cidade de Picos.

É importante perceber como a história oral mexe com as sensibilidades, ao observarmos a história contada por pessoas simples que viveram ou apenas herdaram memórias relacionadas a algum acontecimento importante ou enfático na vida de um grupo de pessoas ou até mesmo no que concerne alguma lembrança muito forte do ser individual.

Essa sensibilidade mostra a importância e a legalidade do objeto pesquisado. A fonte oral acima de tudo capta uma representação que o documento escrito não possui, nesse caso, uma subjetividade ou um viés pelo qual não esta escrita na história oficial. Pensando por esse lado para que o construtor da representação possa absorver uma história de memória de vida é necessário fazer uma escolha do que é pertinente a pesquisar o que vai ligar os pontos da história e escolher principalmente aqueles relatos que mais se destacam e se repetem na oralidade das fontes.

A cidade de Picos desde a sua criação quando ainda não era nem mesmo cidade, já era regida pela fé em santos católicos como relatou à senhora Maria Domine Leopoldo Lélis de Araújo¹ colaboradora desta pesquisa. Ela informou que as primeiras pessoas que vieram povoar a cidade já traziam uma imagem de um Santo para os fieis fazerem suas orações em sua homenagem.

Uma curiosidade na qual relata a mesma é que por conta de boa parte dos primeiros povoadores serem vaqueiros, vestiram o santinho São José de vaqueiro, remontando a fé que o sertanejo tem ao associar o homem forte do sertão, à fé naquilo que o fiel nordestino tem em sua crença nos santos católicos. Isso mostra não só a intenção fervorosa do vaqueiro em sua crença nos milagres que viriam a receber em via de sua fé na imagem, mas a honra e orgulho de seu trabalho de vaqueiro no sertão.

¹ Maria Domine Leopoldo Lélis de Araújo, conhecida como dona Miriam Lélis, presidente do apostolado do coração de Jesus. Colaboradora desta pesquisa.

A religiosidade na cidade de Picos vem desde suas origens de povoamento. De acordo com o livro organizado por Maria da Conceição Silva Albano e Albano Silva (2011)², intitulado “Picos nas anotações de Ozildo Albano”, no começo do século XVIII, mais especificamente lá pelo ano de 1700, em um lugar chamado Tanque fazenda Curralinho, foi colocada uma cruz para identificar a passagem de missionários católicos naquele local. Nesse mesmo local onde foi fincada essa cruz os residentes vizinhos começaram a sepultar os mortos, resultando posteriormente na construção em 1914 pelo senhor Monsenhor Lopes e moradores vizinhos num cemitério no local onde havia sido enfiçada a cruz, desde então passou a se chamar Cruz das Almas. Relatos contam que o cemitério existe ainda hoje.



Figura 1: Cemitério do Tanque, em 1914. Fonte: ALBANO, SILVA, 2011, p.141.

Assim como consta nos primórdios da cidade de Picos a forte religiosidade e crenças em santos é uma herança bem antiga já que o cristianismo veio para o Brasil juntamente com os europeus que o trouxeram e aqui se fixou profundas raízes.

A igreja católica vinda de Portugal País que inseri-o no Brasil suas crenças religiosas, trouxe consigo as práticas devocionais de fé em santos (as). Essas devoções tornaram-se simbologias que com o tempo foram cada vez mais se difundindo e reunindo devotos em todo território brasileiro. A região de Picos teve na época de

² Maria da Conceição Silva Albano e Albano Silva, são os organizadores de um livro com as anotações do senhor Ozildo Albano, historiador da cidade de Picos, já falecido. Organizaram este livro após a morte do mesmo que ficou intitulado como “Picos nas anotações de Ozildo Albano”.

seu povoamento uma grande influência religiosa, já que sua região era vizinha das fazendas de jesuítas e, portanto foram considerados os primeiros povos na região a seguirem os desígnios da religião católica. Como já dito uma herança sem sombra de dúvidas e ainda considerada forte naquela época da colonização pelos Europeus. Estes traziam consigo a religião Católica Apostólica Romana como a religião que seria desde então absorvida pelos nativos do Brasil. Como descreve a autora Gislayne Santana fazendo um estudo pelo início do povoamento do Brasil.

A colonização do continente americano se deu pelos europeus em meados do século XVI, tendo a Igreja Católica Apostólica Romana papel essencial na constituição de uma religiosidade brasileira, bem antes desta colonização, o próprio “descobrimento” já foi entendido pelos europeus como uma providência divina. O fato de novas terras serem descobertas simbolizava uma espécie de milagre divino, aspecto que contribuía para o fortalecimento da instituição eclesial diante das novas empreitadas europeias. (SANTANA, 2013, p. 21).

Podemos observar que a cada conquista de terras era considerado pelos europeus como providencia divina. E como herança de muitos desses preceitos religiosos do catolicismo foi que os padres jesuítas perpetuaram esses costumes religiosos. A partir de então seguiam pelas terras pregando os dogmas do catolicismo a crença em Deus e na sua santidade, mas também a crença em santos. Portanto, para aqueles povos venerar imagens construírem pequenas igrejas, entre outras credices da religião católica era primordial e fundamental na introdução de um povoado.

Era comum que as primeiras casas construídas fossem em volta de uma capela ou de um rio, ou dos dois ao mesmo tempo. Picos tinha uma terra considerada fértil para o plantio, já que nas suas margens havia um rio, o Guaribas que passava entre essas terras. A figura abaixo do início do povoamento de Picos ilustra bem essas características. Vejam que bem no centro há uma igreja, seguida de uma fileira de casas, atrás dessas casas podemos observar um rio, este é o rio Guaribas. Na época existiam várias plantações ao qual a população se subsistia. Interessante é que a igreja que se encontra na foto ainda encontra-se nos dias atuais no mesmo local, nunca foi transferida para outro local, hoje conhecida como igreja do Coração de Jesus.



Figura 2. Mostra o início do povoamento da cidade de Picos. C. de 1925. Percebe-se a capela do Sagrado Coração de Jesus à esquerda. Fonte Disponível em: <<https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/>>. Acesso em: 10 jun. 2017. 4 foto p&b.

Nas fazendas onde se situavam os primeiros moradores era de costume religioso e considerado comum uma sala reservada para os santos, uma mesa chamada oratória onde ali se colocava imagens de santos, a vela de cera de carnaúba era o que clareava as noites, acompanhado sempre de um crucifixo caracterizando assim um dos principais símbolos católicos. Podemos observar esse ritual ainda hoje em algumas casas de pessoas muito religiosas, mas verifica-se principalmente em casas do interior onde ainda permanece muito desse ritual católico preservado. Esse simbolismo católico remete a um rito onde seus fervorosos fieis rezavam o rosário e, à noite, à luz da vela, orações em devoção aos santos.

Os santuários católicos são revestidos de mistério, misticidade e milagre, por possuir carga simbólica do catolicismo popular (BRANDAO, 1986). A religião é agente modificador da paisagem, através da interferência de determinados grupos religiosos, na ânsia de reproduzir sua própria forma de ver o mundo. (MACENA, 2010, p. 20).

Em quase todas as cidades do sertão nordestino é comum vermos a religiosidade tomar a população. Não seria diferente em Picos, pois ao construírem suas casas neste local primeiramente tratou-se de no centro instalarem uma capela que ainda hoje é considerado um dos símbolos de tradição picoense. Remonta bem desde o início do povoamento em que os moradores de Picos começaram a buscar na religião católica

suas bênçãos, podemos perceber com essa característica o tamanho da influência que teve os jesuítas que trouxeram a religiosidade católica e depois dela a veneração sempre foi vista com uma grande fé para os seus seguidores.

O povo religioso tem como uma das principais bases da religiosidade a igreja católica, esta que tem em sua historia dois mil anos de existência. O espaço da igreja é demarcado e o acesso à mesma é controlado e dentro da qual a autoridade é exercida por um profissional. A concepção do território religioso católico é representada pela igreja matriz e sua área de abrangência que corresponde as paróquias. (MACENA, 2010, p. 17).

Em Picos a presença da religiosidade significa momentos de esperança de vida de dias melhores para a população que vivia nos seus primórdios basicamente da criação de gado e da agricultura de subsistência. A vinda da imagem da santa para a cidade de Picos tem uma história muito curiosa.

A história da chegada da santa Nossa Senhora dos Remédios aqui em Picos escrita pelo historiador Ozildo Albano e divulgada em seu livro intitulado “Picos nas anotações de Ozildo Albano”, onde após sua morte os organizadores, Maria da Conceição Silva Albano e Albano Silva, inclusive parentes do mesmo decidiram reunir seus manuscritos, e então elaboraram um livro contendo suas anotações sobre diversos e importantes acontecimentos da cidade de Picos. Em um dessas está à história da vinda da imagem da santa, como ela adentrou na cidade e quem a pediu.

Por meio do padroado surgem às festas dos santos e santas, padroeiros do Brasil, a vida de cada cidade é protegida por um santo que não pode deixar de ser festejado todos os anos. Também toda capela dos bairros e povoados tem o mês do seu santo protetor, assim todo fiel católico e cristão tem seu santo de devoção. (MACENA, 2010, p. 24).

A história da chegada da santa padroeira da cidade de Picos é contada com entusiasmo pelo seu relator, porém guarda características de um período, onde a sociedade ainda vivia dividida entre a fé e a severidade envolta nas amarras do controle de quem tinha mais poder. Nos seus escritos conta que a santa chegou a uma tarde do último dia do ano de 1847, vinda de Salvador Bahia. A santa veio trazida pelas mãos de um escravo que duramente seguia todo o percurso da Bahia a Picos a pé. Vejamos aí um ponto a ser discutido. Ao imaginarmos que tipo de pessoa levaria por dias e mais dias uma imagem a pé, percorrendo vários perigos, nas matas do sertão nordestino, passando na certa fome e necessidades, pois possivelmente só ao chegar a algum povoado é que este homem poderia suprir de suas necessidades mais básicas. No entanto, o tal escravo

que ligeiramente pelos descaminhos da história narrada não se preservou o nome dele, vejamos tamanha importância que lhe deram na história, nem seu próprio nome foi preservado. Homem que passou por tantos perigos e necessidades entrou para a história apenas como o escravo que carregou a santa da Bahia até Picos.

A história da vinda da santa trazida da Bahia até Picos é representada todos os anos em uma dramática cena onde a população picoense acompanha a encenação em procissão. Na cena um homem vestido de escravo com suas mãos acorrentadas traz a imagem da santa erguida, na encenação o sofrimento do escravo é mostrado, visto que este encontrasse acorrentado e traz uma peça aparentemente pesada com a imagem da santa. Descalço percorre tortuosos caminhos do sertão nordestino para cumprir seu mandado.



Figura:

3, foto representando o escravo carregando a imagem da santa Nossa Senhora dos Remédios, 2017 Fonte: Fonte: <http://www.riachaonet.com.br/wpcontent/uploads/2017/08/categal7.jpg>

Observemos a imagem representativa do escravo trazendo a santa, e em volta devotos erguendo as mãos para toca-la, notemos que há toda uma simbologia nesta representação perpetuada pela memória dos antepassados e encenada todos os anos. Notem que o escravo com o peso da imagem está exausto, suado e aparentemente cansado, e ainda encontra-se acorrentado, demonstrando a crueldade de um período onde os coronéis eram quem mandavam nas redondezas das fazendas.

A representação busca encenar todo um montante de sacrifícios e percalços que o escravo teve de percorrer para trazer a imagem, e como ganho por todo seu sofrimento lhe seria entregue apenas a carta de alforria que lhe traria a liberdade. Liberdade para que este se livrasse da escravidão.

Há um filme produzido na cidade de Picos chamado Nossa Senhora dos Remédios que ilustra algumas cenas de crueldade contra os escravos, em uma das cenas representadas apresenta um capitão do mato, dando uma surra em um escravo a mando do Coronel com a acusação de fujão. Na mesma cena ainda mostra o escravo além estar apanhando está puxando uma roda de engenho, naquela época era comum os engenhos serem puxados por animais. Mas quando o escravo fazia alguma coisa que desagradasse o coronel ele era cruelmente castigado e tratado como animal.

Toda essa historia e mais a vinda da santa e retratado no filme intitulado “Senhora dos Remédios”. Este filme foi inspirado na peça “Alto de Nossa Senhora dos Remédios de Mundica Fontes”, com o roteiro e direção de Flávio Guedes. No filme podem ser observadas todas as características do poderio dos coronéis da época, sob seus trabalhadores escravos, e a obediência de seus subalternos. Mas mostra também a fé que todos em conjunto tinham na imagem da santa Nossa Senhora dos Remédios.

No filme mostram cenas de um período onde a escravidão ainda era bastante acentuada. Logo de início aparecem vários escravos fugindo das fazendas, buscando suas liberdades longe dos desmandos dos coronéis. No entanto na fuga capitães do mato logo descobrem e seguem atirando, muitos são capturados, outros conseguem fugir. Em outra cena há um escravo acorrentado a um poste de madeira, onde recebe várias chibatadas e depois é preso a uma madeira com os pés e as mãos separados.

Naquele período o povoado de Picos vivia sob as ordens dos coronéis e foi exatamente pelas promessas de um deles, o senhor Vitor de Barros, que ordenou que o escravo fizesse o cumprimento de transportar a santa até Picos, em troca ganharia sua liberdade. Só por um grande feito desses é que o escravo teria como recompensa por esta obra, lhe ofereceriam a sua tão sonhada carta de alforria. Infelizmente na memória dessa história, assim como na escrita historiográfica oficial, geralmente costuma-se ser preservado apenas os nomes dos grandes homens das elites. Nessa história não se preservou o nome do escravo que sofrera o duro clima do sertão numa longa caminhada para a entrega da santa. A única coisa que se sabe é que era um escravo do senhor Vitor de Barros.

Consta neste relato que a santa veio diretamente de Portugal para o território baiano e em meados do século XIX veio a Picos pelas mãos do escravo. As questões desenvolvidas nestes relatos históricos são de cunho de tradições orais passados por gerações, pessoas que viviam ainda no século XX deram seus depoimentos sobre quem pediu a santa e também parte é representada no filme Senhora dos Remédios de Flávio

Guedes.

Naquela época, onde os coronéis tinham bastante poder eis que o Coronel Vitor de Barros exigiu que o filho do seu vaqueiro João das Dores fosse lutar na guerra, essa guerra segundo a representação da história no filme era contra os Balaios no Maranhão. O governo estava recrutando piauienses para servirem na guerra contra os Balaios. Na encenação do filme há toda uma simbologia mostrando a imponência do Coronel como um dos homens mais importantes daquelas redondezas e a obediência do vaqueiro que não teve alternativa se não enviar seu filho ainda muito jovem para a guerra. Em uma das cenas é mostrado que quando da notícia a sua família que ficou revoltada, o vaqueiro disse “Quem somos nós para ir contra o Coronel e o governo” (filme). Nesse momento vemos a subordinação do vaqueiro ao seu patrão, no que sua ordem era uma lei e não poderia de forma alguma ser desobedecido.

Sendo assim a voz do Coronel era a lei da fazenda, não podendo ser contestada. Então o filho do vaqueiro e o filho do próprio Coronel foram servir na guerra. Mais uma vez aqui é mostrada a superioridade do comando dos coronéis no início do povoamento da cidade. Assim como o vaqueiro João das Dores todo o resto dos serviçais da fazenda, tinham de obedecer às ordens do Coronel.

E o vaqueiro logo que recebeu a ordem foi dá-la ao seu filho que também não negou. Havia também uma obediência hierárquica. O vaqueiro, no entanto crente pela fé que o envolvia e temente pelo que poderia ocorrer com o seu filho e com o filho do Coronel fez uma promessa para que seus filhos voltassem da guerra, sãos e salvos. No filme é mostrado em uma cena o vaqueiro João das Dores fazendo orações e a promessa de trazer à santa nossa senhora dos Remédios para a região.

Minha virgem dos Remédios, desde menino que eu rezo pra senhora, aprendi com meu avô a ser seu devoto. Meu vô sempre dizia que em Portugal a senhora é muito adorada e eu rezo muito pra senhora pra agradecer por tudo quem tem feito pela minha família, mas agora eu tenho inté vergonha de pedir, mas eu me sinto brigado, porque assenhora que acompanhou o sofrimento de seu filho ao calvário vai entender o que passa no coração de um pai que tem me mandar um filho pra guerra, minha mãe cura a chagas que a guerra fizer nos nossos filhos e traz eles sãs e salvos, que eu prometo que vou mandar trazer uma imagem sua pra todo pessoal dessa região adorar e ser fiel assim que nem eu. (filme).

Por conta dessa promessa é que o vaqueiro pediu ao seu Coronel Vitor de Barros que trouxesse a imagem da santa, e na confirmação de seus filhos que voltaram da guerra salvos foi que eles tiveram mais confiança nos milagres da santa Nossa Senhora dos Remédios. Para a sua vinda o Coronel pagaria a importância de quarenta mil reis pela imagem. Essa quantia era considerada na época de grande valor.



Figura: 4. Representação do coronel e do vaqueiro recebendo a imagem da santa nossa Senhora dos Remédios, data: 2017: Fonte: <http://www.riachaonet.com.br/wpcontent/uploads/2017/08/categal7.jpg>

Observamos na foto acima dois homens ambos representando o vaqueiro João das Dores que fez a promessa para os filhos voltarem salvos da guerra e o coronel Vitor de Barros que pagou para trazê-la. Vejam que na representação os dois estão recebendo a imagem da santa Nossa Senhora dos Remédios e possivelmente na foto não dá para ver, mas a cena do filme confirma a imagem é recebida das mãos do escravo.

Essa encenação simboliza o poder dos coronéis da época, mandar trazer uma imagem de tão longe, pagar uma quantia tão alta daquela pela imagem seria de fato uma obra grandiosa para a sociedade. No filme Nossa Senhora dos Remédios também é representada essa mesma cena da foto, quando da chegada da santa o vaqueiro e o Coronel recebem das mãos do escravo a imagem da santa Nossa Senhora dos Remédios, como os principais representantes da região.

Dessa forma podemos imaginar que o coronelismo dos primórdios da cidade era bem forte e de caráter monopolizador da sociedade.

Há também os relatos dos moradores mais antigos da cidade de Picos que, por herança da memória dos seus parentes que viveram nessa época, contam a mesma história da vinda da imagem da santa para a cidade, apenas com relatos um pouco mais exaltados, pois são relatos de devotos da santa e, portanto é claro que a reação seria bem

mais fervorosa. No depoimento da dona Miriam Lélis aborda que:

Olha você já viu e já leu aquele histórico, vem um histórico muito de longe da chegada da santa, já começou aqui por um milagre né, você deve ter lido o livro e sabe como foi pedido essa imagem até aqui. Pois é, a questão de ter feito a promessa, os filhos foram pra guerra, essa história que tem aí, que foi contada desde a época quando ela chegou aqui, só que quando a imagem de nossa senhora chegou foi em 1847, mas o homem que fez o pedido achou que a santa era dele, levou pra casa dele, já mais de dois anos depois foi que ele trouxe pra aqui e se tornou a padroeira da cidade. O histórico foi assim é por isso que pela contagem da festa da padroeira que tem sempre nas camisetas era pra serem dois anos a mais, e não é ela chegou em 1847, 48 foi o dia da primeira festa, 1º de janeiro de 1848, e só foi entregue em 1850, foi à primeira festa da padroeira. (LELIS, 2017).

Em virtude da encomenda da imagem de Nossa Senhora dos Remédios para cumprir a promessa que seu vaqueiro fez, é relatada nas palavras da dona Miriam Lélis, que houve esse atraso para ser entregue para ser a padroeira da cidade. Neste caso apenas em 1850 que a imagem foi finalmente homenageada com a primeira festa como a padroeira de Picos. O relato mostra que o coronel Joao Vitor ao pagar pela imagem considerava que a partir de então seria de sua posse. No entanto, para os moradores ela devia ser entregue diretamente para a igreja para que fosse homenageada.

As fontes do livro do Ozildo Albano ainda revelam que nos caminhos onde o escravo do coronel Vitor de Barros passava com a imagem da Santa Nossa Senhora dos Remédios, todos a recebiam com muitas alegrias e festa. Ela era venerada em todos os lugares onde o escravo percorria até chegar ao seu destino à cidade de Picos. Essas características mostram a importância que os devotos católicos dão ao significado de devoção a imagens de santos. Ficava evidente tamanha euforia no cortejo e na celebração destas comemorações religiosas, e que remonta ao mesmo tempo um rito dos fiéis católicos e que constitui também uma forma de sociabilidade, como uma união em prol de uma prática considerada cultural.

“A igreja católica exercia um papel soberano politicamente, e realizava com frequência procissões e festas de santos, onde todos os portugueses, cristão, índios e posteriormente os escravos eram obrigados a participarem” (MACENA, 2010, p. 22).

Ainda em depoimentos sobre essa história diziam que o escravo não sabia nem um canto em oração a santa Nossa Senhora dos Remédios. O que o levou a vir pelos

caminhos entoando o bendito da padroeira dos escravos que é a Santa Nossa Senhora do Rosário e pelos caminhos podia se ouvir o escravo cantando o então bendito:

Vinde devotos fieis.
Doce hino entoar
A senhora dos Remédios,
Virgem pura singular.

E para percebermos como a fé e a intenção dos devotos a Maria mãe de Deus é tão intensa para aquelas pessoas, sobre a história contada é que no percurso da imagem da nossa senhora dos Remédios quando chegava a uma cidade esta era homenageada com grandes louvores e como em costume muito tradicional e antigo a santa era acompanhada em procissão. Como consta na história de sua caminhada até Picos, em um trecho perto da cidade de Jaicós, a imagem foi acompanhada em procissão junto à santa da localidade a nossa senhora das Mercês que era levada em andor.

Outra característica de rituais católicos que aqui se verifica é que ao sair em cortejo todos os devotos, algumas pessoas são escolhidas para levar a imagem da santa em uma espécie de tábua, muito enfeitada com flores e no centro posto à imagem, essa espécie de tábua é chamada de andor. Então, a mesma imagem de Nossa Senhora dos Remédios foi levada junto da nossa senhora das Mercês, no cortejo. A procissão acompanhou a imagem até certo ponto do seu destino. Perto de Picos a imagem mais uma vez foi acompanhada com festa, fogos, orações e cantos e novamente num cortejo em procissão na localidade fazenda Samambaia próximo a Picos.



Figura: 5. Devotos levando a imagem da santa Nossa Senhora dos Remédios em andor. 2017 Fonte: <http://www.riachaonet.com.br/wpcontent/uploads/2017/08/categal7.jpg>

Na figura acima podemos verificar a imagem da santa Nossa Senhora dos Remédios sendo levada em andor. Essa simbologia foi por muitos anos realizada nas procissões da santa, no entanto, nos dias atuais a santa não é mais carregada em cortejo nas procissões em andor e sim em cima de um carro, demonstrando assim uma modificação nas organizações das procissões da cidade.

Consta ainda nos relatos desta história que a imagem chegou ao povoado de Picos no último dia do ano de 1847, sendo que foi apenas no dia primeiro de janeiro contemplada com a bênção do sacerdote. Neste momento, a bênção foi dada pelo Pe. Francisco de Paulo Moura que foi o primeiro padre de Picos.

Houve muitas variações no que concerne a data de comemoração da santa padroeira em Picos. Durante algum tempo essa data foi modificada de acordo com as ideias de cada representante da igreja.

Por ter sido benta no dia de ano, a padroeira de Picos foi festejada durante muitos anos no dia 1º de janeiro. O Pe. João Severino de Miranda Barbosa, vigário de Picos (1878-1896). Mudou os festejos para dia 16 de outubro, data em que, em todos os países latinos festeja-se Nossa Senhora dos Remédios. Em 1910, o padre João Hipólito de Sousa Ferreira fez voltar à festa para o dia 1º de janeiro. D. Expedito Lopes, 1º Bispo de Oeiras, transferiu a festa para o dia 15 de agosto. D. Edilberto Dinkelborg tornou a mudar a festa para o dia 1º de janeiro. Finalmente, após consulta aos paroquianos, Nossa

Senhora dos Remédios está sendo festejada a 15 de agosto, data do dogma da Assunção de Maria aos céus. (ALBANO, SILVA, 2011, p.32).

Ainda sobre as escritas do historiador Ozildo Albano, foi sob a benção de Nossa Senhora dos Remédios e sobre a escrita da resolução civil n° 308, do dia 11 de setembro do ano de 1851, que o povoado de Picos é elevado à freguesia, juntamente com a devoção dos fiéis da nova freguesia que antes já tinha uma grande veneração à santa imagem. Somente em 1871, foi edificada a igreja da padroeira de Picos pelo Pe. Dr. José Antônio Pereira Ibiapina, que a construiu em apenas noventa dias. A imagem de Nossa Senhora dos Remédios, em festiva procissão, foi levada para o seu templo, com grande acompanhamento, pelo frei Ibiapina – como era popularmente conhecido aquele apóstolo dos sertões nordestinos. Os sinos da igreja foram doados naquele mesmo ano pelo Sr. Justiniano Antônio de Macedo.

Em outro trecho escrito no livro há uma mensagem finalizando a história da vinda da santa Nossa Senhora dos Remédios, mostrando mais uma vez a grande exaltação que a população picoense – os fiéis devotos à imagem – promovia ao celebrar e homenagear, perpetuando assim uma prática antiga na cidade. “Durante várias gerações a imagem querida de Nossa senhora dos Remédios continua venerada pelos diversos filhos picoenses que nunca a esquecem e que a Ela recorrem em todos os momentos” (ALBANO, SILVA, 2011, p. 32).

Na citação acima, me lembra da entrevista com a dona Miriam Lélis quando lhe perguntei o que a santa Nossa Senhora dos Remédios representa para ela e porque o título de senhora dos Remédios foi dada a imagem. Nessa perspectiva, ela relata:

A Nossa Senhora dos Remédios pra mim representa tudo né, eu tenho aquela confiança, aquele desejo mesmo de ajudar na igreja, participar de tudo, como uma maneira mesmo de ajudar. A minha devoção, eu tenho assim uma devoção muito grande, em minha vida toda é assim minhas orações diárias é pedir e agradecer, sempre assim eu peço e agradeço, agradeço e peço a santa Nossa Senhora dos Remédios. Olha eu entendo assim que Nossa Senhora dos Remédios tem muitos títulos, é uma questão assim da pessoa escolher, vamos dizer assim, o pessoal que recebeu essa graça pode dizer assim, deu esse título, foi um remédio, curou aquele momento ali num é, porque os filhos foram que é tão difícil a pessoa ir pra uma guerra e volta sã e salvo, pode acontecer tem até casos aqui em Picos, seu Eli Martins e meu irmão Luís o mais velho, foram pra guerra e já estavam ouvindo lá os estrondos lá das bombas e cessou ali eles voltaram porque acabou tudo, mas é difícil, não é? Então acho eles imaginaram assim que foi

um remédio, foi uma cura, e como tem nossa senhora com muitos nomes, tem nossa senhora da Saúde nossa senhora do Perpetuo Socorro, nossa senhora de Fátima, que isso se pega assim ao local e ao acontecimento. Fátima, porque o lugar lá onde ela apareceu é chamada de Fátima. (LÉLIS, 2017).

É dessa forma que os devotos picoenses veem à santa Nossa Senhora dos Remédios como uma mãe que cura os males daqueles que a buscam e nela tem confiança. Um verdadeiro remédio para suas dores e um alento para acalmar os corações dos seus fieis devotos.



Figura 6: Imagem de Nossa Senhora dos Remédios, padroeira da cidade de Picos, c. data década de 70, Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/>>. Acesso em: 10 jun. 2017. 4 foto p&b.

As fontes que proporcionaram esses relatos da vinda da Santa Nossa Senhora dos Remédios vem contados através da memória de antigos moradores picoenses. Essa historia ficou gravada e fixada na memória como algo vivo que perdura até os dias de hoje. Afixado nos contos históricos, e que nos rascunhos anotados pelo historiador Ozildo Albano considerado para o povo picoense como um grande pesquisador da história da cidade de Picos, tornou-se posteriormente um livro organizado e publicado por seus parentes que o dedicou após sua morte.

Por esse ponto de vista nos remete a pensar como a história oral torna-se fundamental na medida em que é elaborada uma construção histórica. Ações e acontecimentos que não são registrados em documentos escritos podem vir a ser gerados pela memória de indivíduos que viveram e presenciaram tais acontecimentos, fazendo assim uma importante ligação no tempo como construção de histórias que

muitas vezes passam por despercebidas por não serem registradas oficialmente por registros escritos.

Assunto importante abordado também no texto do autor Michael Pollak (1992) que nos mostra que fatos como este se torna fundamental, pois trás a tona questões como a credibilidade de uma história contada através de relatos de sobreviventes ou histórias herdadas, como memória, mas especificamente relatos orais de pessoas que conhecem ou viveram certos acontecimentos e estes podem servir como fonte para a posteridade.

Ao atribuir um caráter plausível a esses relatos de memória, parece complicado, mas no âmbito da história é preciso entender que muitos fatos ocorridos durante o processo histórico fogem a nossas vistas e o que resta em muitos casos são exatamente aqueles pequenos fragmentos deixados pela memória das pessoas. O que nos leva a ligar os pedacinhos e através de grande esforço do historiador formar pela representatividade uma história que viabilize uma legalidade.

É por esse aspecto que devemos entender a história oral como algo importante para o estudo do historiador. Muitos fatos que se repetem em entrevistas ou ficaram guardados e preservados na memória das pessoas podem a ser levados em consideração como uma fonte de valor inestimável, fatos de memórias solidificadas ficam gravados e se reportam para o futuro. Isso o torna um grande instrumento na pesquisa e cabe ao historiador usar de seu talento para ajudar na interpretação dos acontecimentos históricos.

Gostaria de enfatizar que, quando a memória e a identidade estão suficientemente constituídas, suficientemente instituídas, suficientemente amarradas, os questionamentos vindos de grupos externos à organização, os problemas colocados pelos outros, não chegam a provocar a necessidade de se proceder a rearrumações, nem no nível da identidade coletiva, nem no nível da identidade individual. (POLLAK, 1992, p.7).

E é exatamente isso que se procede com a história da vinda da santa padroeira Nossa Senhora dos Remédios à cidade de Picos. As histórias contadas de alguma forma se fixaram na memória dos indivíduos do local e se misturam a sua identidade dando legalidade e aprovação da população picoense como um fato importante dos acontecimentos que se perpetuou nas memórias e ficaram vivas até hoje através dos relatos pesquisados pelo historiador Ozildo Albano.

1.2 Chegada da Diocese em Picos.

É importante ver como a memória faz-se necessário para compreendermos todo histórico que nos cerca. Ela se utiliza principalmente de nossas lembranças de nossas heranças, constituída muitas vezes de variações conforme vai passando o tempo. Porém, em alguns casos, essas memórias são gravadas no coletivo da sociedade e guardadas como história tradicional. Sendo que todos os personagens e ações envolvidos nessas memórias fizeram parte da história daquele local como algo que foi vivido e ainda vive nos relatos das pessoas e toma forma de construção da concepção de uma sociedade.

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (POLLAK, 1992, p. 2).

É por isso que para uma sociedade ter história, muitas vezes a memória coletiva entra em ação. Ela está sempre envolvida nos relatos das pessoas tornando-se característica imprescindível de cidades como Picos, onde a população mais antiga deve seus conhecimentos sociais políticos, econômicos e religiosos a uma série de lembranças herdadas de suas gerações anteriores de todo um conjunto de atividades e construções no desenvolvimento estrutural de uma cidade.

Para o desenvolvimento deste assunto foi muito importante a utilização de uma obra realizada por agentes da pastoral da Diocese de Picos, onde reuniram várias memórias referentes ao período em que esteve nesta Diocese o primeiro Bispo Dom Augusto Alves da Rocha, e todas as obras iniciais sobre a criação e instalação da diocese de Picos. Este livro contendo o título “Dom Augusto Alves da Rocha – 1º Bispo de Picos: Memórias da Caminhada – 1975-2001” teve a organização de Maria das Dores Rufino Costa e Maria Oneide Fialho Rocha³.

O caráter religioso predomina na história da cidade de Picos e remete aos seus primórdios um histórico de organização e tradição de fé. Desde sua criação a intenção de parte considerável do povo picoinense foi o desenvolvimento da cidade tomado como

³ Livro Dom Augusto Alves da Rocha- 1º Bispo de Picos: memórias da caminhada-1975-2001. Este livro foi organizado por Maria das Dores Rufino Costa e Maria Oneide Fialho Rocha. 17 de julho de 2013.

ascensão e devoção à construção de uma pequena capela que se torna para o distinto aglomerado de pessoas o coração da cidade.

Na introdução do livro em homenagem ao Bispo Diocesano Dom Augusto Alves da Rocha, verifica-se a intenção dos primeiros moradores picoenses iniciando a construção do pequeno aglomerado que posteriormente se tornaria a cidade de Picos.

É importante destacar como quase tudo que se constrói em muitas cidades brasileiras geralmente são regidas primeiramente pelos desígnios religiosos. Assim, evidenciando uma relação de sociabilidade motivada pela ascensão e crescimento cultural. Todos os aspectos são valorizados pelos seus moradores de início imbuídos pela simplicidade e com o tempo vai se expandindo formando seu esboço com traços mais visíveis, até se tornar uma cidade.

Em alguns trechos do livro organizado por Maria das Dores Rufino e Maria Oneide Rocha, que servirão de fonte para este assunto podemos observar aspectos do desenvolvimento de muitas cidades.

Os pequenos como os grandes aglomerados humanos tiveram, no decorrer da História, origem humilde, às vezes uma casinha coberta de sapé. Inicialmente, uma família, a procura de espaço, delimita uma área, de preferência a margem de um rio, lago ou olho-d'água, faz uma clareira na mata, ergue uma casa provisória, constrói currais e cercados e inicia as suas atividades agropecuárias. Com os anos, conforme os lucros, melhora a sua residência, amplia as áreas de cultura, aumenta o plantel de gado, graúdo e miúdo. Atraídos pelo sucesso dos pioneiros, outras famílias, quase sempre do mesmo tronco familiar, vão-se acomodando nas vizinhanças. E daí surgem às comunidades. Um morador mais atilado, despertando para a possibilidade de um mercado, instala uma bodega, pode transforma-se em loja, em armazém. Estimulado pelo êxito do primeiro, outros vão também se estabelecendo em outros pontos. Mais ali, um monta uma barbearia. Desponta ainda mais além uma sapataria, uma carpintaria, ou uma olaria, ou um barzinho, um açougue, etc. O coração, porém de tudo, é a capela, construída na praça mais importante com a ajuda do Sr. Vigário, que, em desobrigas para missas casamentos e batizados, se servia de uma casa particular ou de um grupo escolar. A construção da capela é feita num trabalho comum, em mutirão. O padroeiro ou padroeira é escolhido (a) por votação. Normalmente se escolhe um santo de mais devoção no lugarejo, festejado com bonitas e animadas novenas. Com a construção da capela o povoado sobe de importância. As feiras tornam-se mais movimentadas. A festa de orago é a festa máxima da comunidade. Até o senhor Bispo da Diocese passa a visitar aquela gente boa e humilde, que o recebe com muito respeito. E o povoado cresce, desenvolve-se, torna-se vila, sede de município, paróquia, cidade, comarca. Melhoram-se as instalações de serviços públicos: água, luz, esgoto, transporte, educação, saúde, etc. surgem as agências bancárias. E se tornam até sede de Diocese. (COSTA, ROCHA, 2013, p.15-16.)

Esse relato mostra exatamente o que ocorreu com a cidade de Picos, quando o seu mais antigo morador decidiu então se instalar nessas terras. Iniciado no século XVIII, o senhor Felix Borges Leal juntamente com sua família construiu aqui sua moradia dando início ao que seria futuramente a cidade de Picos. E ainda bem no início da povoação foi construída a capela do Sagrado Coração de Jesus bem no centro do aglomerado, onde hoje ainda se encontra no mesmo lugar. A capela do sagrado coração de Jesus fica exatamente no meio das casas e comércios. Hoje ela se encontra numa posição que não fica muito bem localizada por muitas pessoas considerarem que atrapalha o trânsito da cidade, motoristas tem de desviar da igreja, pois ela se encontra bem no meio da pista que leva o centro da cidade ao entroncamento da rodovia. Porém, a igreja para os picoenses cristãos constitui-se como símbolo de tradição e de fé, e como patrimônio cultural da cidade. Portanto, acreditamos que os moradores não querem destruir esse templo religioso.



Figura 7: Imagem da Igrejinha do Sagrado Coração de Jesus, localizada no centro da cidade de Picos. Data do início do povoamento. Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/>>. Acesso em: 10 jun. 2017. 4 foto p&b.

Observemos na foto acima, tratasse de uma imagem bastante antiga, quando a cidade ainda era freguesia e a igreja da foto é a mesma onde hoje ainda é encontrada. Fica no centro da cidade, ela nunca foi mudada de lugar, nem teve seu tamanho

alterado. Fica bem no meio entre a pista da avenida principal da cidade. Era apenas uma pequena capela, onde ao seu redor foram se construindo casas e comércios. Hoje seu local encontra-se localizado num ponto principal de comércio da cidade.

Para enriquecer a fé dos católicos da cidade de Picos partiu-se então do clero que aqui residia o incentivo e a primeira intenção de criação da Diocese. Porém, os relatos do livro Costa e Rocha mostram que não foi tarefa fácil à cidade de Picos conseguirem se desmembrar da Diocese de Oeiras. Onde se encontrava a sede Diocesana que também sediava a cidade de Picos. Durante esse período houve vários pedidos dos padres de Picos e de Oeiras para a criação de uma diocese em Picos.

O Bispo de Oeiras Dom Edilberto Dinkelborg tinha como costume fazer reuniões com o clero em várias das cidades da sua Diocese distribuídas pelo estado do Piauí. Nessas reuniões tratava de assuntos pertinentes à igreja, faziam-se estudos e orações. Nessas reuniões costumavam-se encontrar todos os padres da Diocese e vários outros padres de outras cidades. Em uma dessas reuniões, mais especificamente em 06/11/1967, houve um encontro onde se reuniram vários padres inclusive o Bispo de Oeiras. De repente todos foram pegos com um pronunciamento do padre Joaquim Rufino do Rêgo, na época era vigário da cidade de Picos. No pronunciamento fazia-se um apelo para que o Bispo considerasse a exposição da carta que estava sendo lida e que criasse uma Diocese na cidade de Picos. Aqui registra parte da carta lida na reunião:

Manifestamos a V. Exa. Revma. Nosso ardente voto comum de que se crie uma nova Diocese com sede na cidade de Picos. Esta medida viria servir melhor as populações desta região, com elas crescendo harmonicamente, acompanhando-lhes e orientando a evolução estruturada e orgânica no domínio social e humano. Por outro lado, área em desenvolvimento, é área de mutações rápidas, onde mais urgente se faz uma presença ativa, dinâmica da Igreja. As considerações acima expandidas mostram a validade de nossas razões e a seriedade e pureza das intenções que nos movem a trazer a apreciação e decisão de V. Exa. Revma. (Nossas considerações e desejos...). (COSTA, ROCHA, 2013, p. 21).

Através da citação podemos verificar que é recorrente o pedido de se instalar uma diocese na cidade, no entanto, sempre se ressalta as vantagens do local como estando em crescente desenvolvimento, no sentido econômico, social e humano, então podemos verificar que por trás do pedido há um apelo não só da população mais também interesses políticos, pois a igreja tem grande poder no que se refere ao

desenvolvimento político de uma sociedade, pois este sempre está apoiando o sistema de política.

No dia da pronúncia o Bispo de Oeiras Dom Edilberto Dinkelborg não comentou nada sobre o assunto, porém esta não foi à única investida para se criar uma Diocese aqui em Picos, houve várias outras oportunidades de pronúncia em favor da criação da Diocese de Picos. Em 04 de julho de 1971, houve mais uma reunião desta vez para comemorar a sagração de Dom Rufino, que seria a partir de então ordenado como Bispo de Quixadá, cidade do Ceará, que antes pertencia ao clero de Oeiras, mas ocupava o cargo de vigário aqui em Picos. A cerimônia contou com a participação de ilustres eclesiásticos entre eles estava o Núncio apostólico do Brasil Dom Umberto Manzoni, e o Bispo de Oeiras Dom Edilberto Dinkelborg entre outros Bispos de outros estados.

Desta vez a investida para a criação da Diocese partiu da sociedade picoense que viu uma grande oportunidade, na visita do Sr. Núncio Apostólico, então mais uma vez foi solicitada a abertura de uma Diocese em Picos o que de fato alegraria a comunidade que então se encontrava ansiosa pela vinda desta instituição religiosa.

Diante da investida da comunidade picoense junto ao Sr. Núncio Apostólico, que prometeu refletir sobre o assunto, o Bispo Dom Edilberto Dinkelborg emitiu uma carta ao Sr. Núncio, no qual pedia o seguinte:

Excia. Revma. Por meio desta solicito a V. Excia. O estudo da viabilidade da ereção canônica de uma nova Diocese com sede na cidade de Picos, Piauí. Com território totalmente desmembrado desta Diocese de Oeiras, PI. Caso V. Excia. Estiver de acordo queira encaminhar este pedido a Santa Sé. Quando V. Excia. Visitou a cidade de Picos aos 04 de julho deste ano, sentiu pessoalmente a urgência desta decisão para prevenir o futuro que se abre com a construção da transamazônica (COSTA, ROCHA, 2013, p. 23).

A partir desta carta e das várias considerações pertinentes à necessidade de se sediar uma Diocese em Picos, havia um anseio muito grande do povo daquela paróquia que esperava ansiosos pela vinda da mesma. Mesmo com tantos pedidos as dificuldades ainda eram muitas, no entanto foram pedidas mais exigências da nunciatura para deliberar a criação da Diocese em Picos. Os atendimentos foram feitos, e também um pedido ao Santo Papa Paulo VI, onde mais uma vez se verificava a solicitação da criação de uma Diocese na cidade de Picos, e em vista considerar a necessidade do povo picoense e as atribuições decorrentes de uma cidade em crescimento acelerado, visto

que para se instalar uma diocese é necessário que a cidade tenha um considerável número de habitantes e tenha um bom desenvolvimento.

Neste momento a cidade de Picos, por volta de 1970, estava em crescimento acelerado, devido à ascensão do seu comércio que sempre foi um dos principais meios de sobrevivência da população e também a construção da transamazônica rodovia de importância por conta da frequência de transportes que passam por essa área, já que Picos é considerada uma via de entroncamento para várias cidades e estados brasileiros tornando-se de suma importância e caracterizando uma das rodovias mais movimentadas do estado do Piauí. As dificuldades ainda persistiam, mas para investida final, o Bispo Diocesano de Oeiras Dom Edilberto Dinkelborg teve um reforço do Regional Nordeste I, que reuniu três estados o Piauí, Ceará e Maranhão. Os Bispos dos então estados reunidos formularam outra carta para o novo Núncio o Dom Carmine Rocco. Com as seguintes requisições:

A Comissão Episcopal do Regional Nordeste I reunida, nesses dias, na cidade de Teresina, tomou conhecimento que a Santa Sé achou difícil criar a nova Diocese de Picos, no Piauí, motivada, especialmente, pelo número reduzido de padres existentes na região. Sem desconhecer, no entanto, as razões apresentadas, os bispos presentes e abaixo assinados, acharam por bem reiterar o pedido no sentido de que seja criada urgentemente a referido diocese. A falta de clero, realmente existente, podia ser superada sob a orientação do novo bispo e a ajuda da Santa Sé. Assim pedimos confiantemente a V. Exa. Encaminhasse este nosso pedido a Santa Sé para a solução urgente do caso. (COSTA, ROCHA, 2013, p.36).

Um desejo dos padres e da comunidade de Picos que vinha sendo investida desde 1967 teve em fim seu desejo realizado. E foi em 28/10/1974 através da ordem do Santo Papa Paulo VI, e pela bula “Neminem Latet”, que foi então criada a tão desejada Diocese da cidade de Picos, com o título de “Diocese de Nossa Senhora dos Remédios”, tema referente à santa padroeira da cidade e santa cuja imagem encontra-se instalada na Igreja Matriz agora elevada a categoria de Catedral.

A fonte escrita nas palavras do livro em discussão mostra que para se ter ideia, do tamanho da significância para os cristão católicos e a importância que se tem a instituição denominada de Diocese é que seu nome atualmente refere-se a uma porção do povo de Deus, o povo como fieis e o bispo como servo que pastoreia juntamente com os padres e formam um conjunto regidos pela união da Igreja Católica. “A Diocese,

antes, de ser um espaço territorial, é “uma porção do povo de Deus” (COSTA, ROCHA, 2013, p.18). Com a Diocese de Picos se instalando, o povo começava agora a imaginar e esperar ansiosamente pela escolha do Bispo que regeria o primeiro bispado da cidade. Foi então no dia 27/05/1975, quando um telefonema da nunciatura apostólica dava a notícia que seria o padre Augusto Alves da Rocha o primeiro Bispo de Picos. Mas foi somente em 23/08/1975, em Floriano, cidade escolhida pelo padre Augusto, que seria celebrado a cerimônia de ordenação do seu bispado. Nesta celebração se faziam presentes vários bispos, os padres da Diocese de Oeiras estavam quase todos os presentes, autoridades de dentro e fora da cidade também estavam presentes prestigiando a cerimônia.

Dom Augusto recebeu em fim a bênção de ordenação como Bispo das mãos do então bispo de Oeiras dom Edilberto Dinkelborg.



Figura 8. Posse como primeiro Bispo da Diocese de Picos. Data de 1975. Fonte: COSTA, ROCHA, 2013, p. 52.

A cidade de Picos festejava alegremente a vinda do seu primeiro Bispo para comandar a Diocese recém-criada. Na foto acima podemos observar o ritual celebração da missa de posse de Dom Augusto Alves da Rocha que ocorreu aos 21/09/1975, assim como todas as grandes festas na Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios de Picos costuma ser realizada em frente à Igreja, no calçadão e se estende por todo o território da grande área que fica em frente à praça e ao lado da igreja onde ficam todos os fieis.

Esta festa não poderia ser diferente, uma festa bem organizada e como sempre

uma presença muito grande de Bispos e padres da região e de fora dela. Contava-se também com a presença do senhor Prefeito da época o Dr. José Nunes de Barros, na figura abaixo se verifica o prefeito Dr. José Nunes de Barros considerado por algumas pessoas como ilustre figura picoense.

O território religioso vem em constante mutação em favor da afirmação do poder, e corresponde há duas funções principais que são de ordem religiosa e de ordem política. O poder eclesiástico brasileiro cria espaços sagrados e amplia os que já existem. O crescimento demográfico e o despovoamento rural estão ligados aos constantes rearranjos das áreas religiosas. (MACENA, 2010, p.18).

Assim podemos verificar que a igreja mantém relações de poder com grupos políticos, visto que uma possui um compromisso de expandir os espaços das áreas religiosas sempre acompanhados e apoiados pelo poder político, constituindo dessa forma uma ligação entre ambos.



Figura 9: D. Augusto recebe a chave da cidade de Picos do prefeito Dr. José Nunes de Barros, em 1975.
Fonte: COSTA, ROCHA, 2013, p. 52.

Na foto acima podemos verificar a esquerda de batina escura o recém bispo recebendo a chave da cidade do prefeito da época Dr. José Nunes de Barros de terno a direita, demonstrando assim que a religiosidade católica exerce um papel importante dentro do contexto político. A imagem mostra essa ligação da igreja com a política. Tão próximo é que hoje em nossa cidade o atual prefeito era um padre da igreja católica e

que possui profundas relações com os grupos políticos. Portanto o que observamos é uma intensa comunicação da igreja com a política, visto que qual a simbologia então de se entregar a chave da cidade para o bispo? Isso demonstra uma intenção conjunta de se conseguir conquistar à sociedade a base dessas relações visto que a sociedade de Picos sempre foi muito religiosa.

Contavam também com a presença do Sr. Juiz de Direito da comarca, o Dr. Virgílio Madeira Martins, entre outras autoridades importantes locais. Vejamos aqui mais uma serie de figuras importantes da sociedade que compareceram a celebração, também demonstrando relações de poder entre a igreja e a elite. Assim os principais representantes da cidade estavam todos juntos em uma solene festa religiosa assim como os padres estão juntos e comparecem quando é uma solenidade política.

Nesta celebração foi então apresentada e lida a bula da criação da nova Diocese e também a bula da nomeação do Bispo eleito Dom Augusto Alves da Rocha. Na mesma noite de domingo foram realizadas as solenes apresentações e em seguida foi declarada oficialmente a instalação da Diocese tão esperada pelos fieis picoenses, e também já escolhido e ali presente o primeiro bispo de Picos tomava posse a partir de agora da sua Diocese.

Dom Augusto Alves da Rocha primeiro Bispo de Picos, pronunciou as seguintes palavras:

Cristo, através de sua Igreja, me chamar a prestar este serviço aos irmãos que formam a já querida Diocese de Picos. Para mim, foi uma questão de fidelidade ao compromisso assumido comigo mesmo: de sempre estar disponível para servir a Igreja. Eis porque disse sim à convocação de sua Santidade o Papa Paulo VI. (COSTA, ROCHA, 2013, p.45).

A decisão de escolher esse recorte temporal 1975 a 2001 não foi só pela entrada da Diocese e do primeiro bispado de Picos foi também por ler toda uma documentação que foi feita com esmero. Nessa pesquisa juntamente com as entrevistas dos colaboradores, pude perceber que a fé que se manifesta através das palavras escritas e faladas é mais que devoção à religiosidade de Picos, faz parte da vida dessas pessoas, do cotidiano delas. Elas vivem presentes com todos os acontecimentos da Igreja, e repassam através de suas experiências e relatos para as futuras gerações, constituindo um verdadeiro histórico de memória e tradição religiosa, que fazem dessa experiência cultura e tradição na sociedade picoense.



Figura 10: Município de Picos nos anos 1970. Fonte Disponível em: <<https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/>>. Acesso em: 10 jun. 2017. 4 foto p&b.

Capítulo II

2 As procissões como símbolo de tradição e cultura picoense.

2.1 Procissões.

As procissões na cidade de Picos remontam desde sua criação em 1851, quando o povoado foi elevado à categoria de freguesia e começava-se a acentuar um desenvolvimento. Nesse período sob a invocação de Nossa Senhora dos Remédios começavam-se as peregrinações em sua homenagem.

É uma prática que a cada ano é renovada com mais força e intensidade. A procissão é um ritual católico muito antigo, suas crenças e valores demonstram a fé em santos católicos, ou seja, na maioria das procissões há sempre uma comemoração festiva em homenagem a algum santo e em seguida segue-se com o cortejo do santo (a) em peregrinações pelas ruas da cidade. Para a autora Marluce Lima de Moraes (2013), os rituais religiosos fazem parte da vida dos piauienses. Em seu livro intitulado “Em cada conta um lamento, Incelências, benditos e rezas ela aborda que”:

Santos e santas de devoção fazem parte das vivências religiosas de muitos piauienses. Promessas, rezas, ladainhas, benditos, orações e canções permeiam a labuta de todos de os dias e acompanham devotos e devotas em peregrinações, festejos e locais considerados sagrados por muito deles, lugares de memória de milagres e expressões de fé. (MORAIS, 2013, p.35).

Marluce Moraes aborda no seu livro práticas e rituais populares, onde a fé e a devoção, sempre estão presentes, na população piauiense. Na discussão a ser desenvolvida entenderemos melhor as espiritualidades particulares das manifestações populares em decorrência da devoção dos fieis católicos as procissões celebradas na região de Picos. Nesse sentido devemos entender melhor o que significa devoção.

A autora Marluce Moraes conceitua devoção como: ”Como conceituar devoção? Poderia ser entendida como um conjunto de crenças que informa sobre as atitudes de homens e mulheres diante do sagrado, como promessas peregrinações, novenas.” (MORAIS, 2013, p. 48). Podemos entender então que devoção é uma crença espiritual que as pessoas manifestam a partir da adoração a um santo considerado para este como sagrado.

O ritual de procissões mantém viva na cidade de Picos uma tradição que hoje podemos observar que o tempo se responsabilizou em modificar algumas características nos elementos que formam essas peregrinações. Isso irá gerar uma discussão diversificada a respeito das mudanças que o tempo trouxe a esse ritual.

Aqui em Picos as procissões são bem frequentes e mobilizam centenas de pessoas em passeatas. Neste meio há uma discussão um pouco acentuada nas questões sobre as mudanças que o tempo trouxe para esse ritual bastante antigo. Mas primeiro é importante saber a antiguidade das procissões.

Na Bíblia sagrada do cristianismo, no Antigo Testamento, são relatadas diversas procissões, vários salmos fazem referência à procissão ou peregrinação. (Êxodo 25:10-15, Josué 3:5-6;14-16, Josué 4:4-5;15-18, Josué 6:4, Números 10:33-34). As procissões possuem significado muito forte para os fiéis que através dessa simbologia promovem caminhadas em oração com a comunidade que é o povo de Deus, todos juntos em peregrinações, rumo à casa do Pai que é Deus. Essa caminhada tem seu sentido teológico muito importante aos cristãos, considerado para estes uma verdadeira missão. Com o destino de sair de suas casas em destino de evangelizar, ou seja, anunciar a palavra de Deus a todos.

Seguir pelas ruas em caminhada, carregar a imagem do santo é um ritual muito significativo para os cristãos, tem o sentido de espalhar bênçãos que para os fiéis é motivo de muita fé envolto. Para os devotos seguir em procissão significa seguir Jesus, este ritual também lembra a passagem que fala que seguir em procissão faz parte de seguir Jesus rumo ao calvário onde o mesmo foi sacrificado e deu sua vida para salvar a humanidade.

No entanto, a religião que geralmente praticam esses rituais de procissões, por ser considerado um ritual de adoração a santos, visto que em caminhada segue-se rezando e venerando há algum santo, são frequentemente criticados pelas religiões de protestantes, que consideram o ritual uma idolatria já que a veneração a santos para o protestantismo é totalmente condenado e considerado fanatismo.

Com o advento de Jesus Cristo as procissões passaram a ter um caráter de verdadeiro seguimento em seu nome, no qual era considerado o messias para os cristãos. Na cidade de Jerusalém, uma semana antes da morte de Jesus Cristo, o mesmo montado em um jumentinho entrou em Jerusalém, e toda a cidade ficou em alvoroço a segui-lo em procissão, neste momento solene todos cantavam: “Hozana ao filho de Davi...” (Mt. 21,10).

No Código de Direito Canônico se encontra uma espécie de definição: " Sob o nome das sagradas procissões se entende as solenidades rogativas que faz o povo fiel, conduzido pelo clero, indo ordenadamente de um lugar sagrado a outro lugar sagrado, para promover a devoção dos fiéis, para comemorar os benefícios de Deus e dar-lhe graças ou para implorar o auxílio de Deus" (cânon 1290,1)

Portanto, podemos verificar que a origem das procissões estão dentro do contexto católico há muito tempo remontando ao Antigo Testamento escrito no livro Bíblico onde os fieis católicos procuram seguir seus ensinamentos. A questão a que pretendo abordar neste capítulo é exatamente as discussões em torno das mudanças que o tempo trouxe para essas praticas de caminhadas tidas como procissões e também verificar a importância que essas praticas tem para os seus fieis picoenses.

Para algumas pessoas colaboradoras dessa pesquisa, com o passar dos anos as praticas de procissões se intensificaram provocando na população ainda mais fervor e fé junto às comemorações religiosas da Igreja Católica. No entanto, as discussões são variadas já que para outros fieis que também participam e acompanham desde muito pequeno essas passeatas caracterizadas como procissões, ela com o passar dos anos se tornou digamos que mais simbólica e estética no sentido de que sua organização esta mais interessada na grandiosidade das ornamentações e imagens tecnológicas, em detrimento do que seria a verdadeira intenção de uma caminhada em busca da fé espiritual e sacrifício.

Para entendermos melhor é preciso analisar os relatos dos entrevistados e comparamos suas opiniões a respeito dessa fé religiosa consagrada nas praticas de procissões: Para A senhora Rosimar Leal Fontes Albano de 74 anos, afirmou em depoimento que desde pequena é encaminhada pelos pais à caminhada em procissão. Ela relata que desde pequena já tomava a frente das organizações. Canta na igreja ate os dias de hoje, integrando o grupo de canto. Há mais de trinta anos ela toca instrumento na igreja, sendo que nunca estudou música, não sabe partituras, mas toca de ouvido, animando as celebrações e diz se sentir muito bem.

Cada ano que vem há uma motivação diferente, então agente sente que o povo gosta de participar, a ultima agora, no mês de agosto agente vê como o pessoal participa mesmo com devoção, com amor... Tudo varia de acordo com a época né, porque em 1975 agente não tinha como chamar mais atenção do povo, da multidão, ninguém tinha carro de som, era tudo mais de boca a boca, eu acho assim que a participação na fé se resume na mesma coisa. É um motivo de

renovação da fé e com o tempo melhorou com certeza. Eu acho que agente vê o zelo pela nossa igreja catedral é muito bonita, e no período da festa, o padre e a comunidade se empolga ainda mais em ornamentar e tornar o ambiente mais agradável, mais aconchegante. Porque é a casa de Deus e quando você chega que vê aquele altar tão bonito a igreja tão arrumada você se sente bem. A beleza das ornamentações ao ambiente favorece para que a palavra de Deus seja ouvida com mais atenção, com mais empenho. A evolução do tempo, ao meu modo de ver não abalou a fé não hoje em dia eu acho bonito o carro que leva nossa senhora toda ornamentada. É uma beleza! A fé não abalou em nada com essas arrumações. (ALBANO, 2017).

Nas palavras da dona Rosimar Albano verificamos que para ela hoje em dia com o uso dos novos recursos tecnológicos que dispomos (carro de som) esta mais fácil divulgar as celebrações comemorativas da igreja. Veja que em nenhum momento ela se sente incomodada com a utilização dos meios tecnológicos, enquanto às ornamentações no sentido de estética ela diz que é prazeroso ver tanta beleza, a igreja e as comemorações das procissões bem enfeitadas.

No decorrer da entrevista percebemos que o depoente tece sua historia relatando fatos do passado e se reportando ao presente, cotando suas experiências de vida com um sentimento que toca o entrevistado, ele nos leva a participar dessa emoção, e assim, nos possibilita analisar e interpretar cada palavra, gesto, silêncio e olhar do entrevistado. Dessa forma podemos analisar as características do depoimento buscando o encontro da historia contada com a memória da pessoa para assim entender o desenrolar da sua narrativa.

Assim como a dona Rosimar Albano outra depoente também relata as mudanças que a evolução do tempo trouxe para as comemorações das procissões. A dona Francisca Isabel de Sousa Moura, de 59 anos, que também desde criança frequenta todas as procissões, em seu depoimento afirmou que com passar dos anos as praticas de procissões só melhoraram, inclusive com a vinda da diocese para Picos. Ela acredita que a fé dos devotos só se fortificou, com o aperfeiçoamento das organizações das festas da igreja. Ela defende que hoje em dia os aperfeiçoamentos nas organizações vieram para melhorar.

As mudanças do tempo foram pra melhor porque aperfeiçoaram mais e teve mais... Como vou dizer, hoje nas procissões mesmo a santa vai no carro alegórico, que antes encontrar pessoas para carregar a santa era mais luta, e hoje o carro leva e é tudo muito enfeitado muito lindo. (MOURA, 2017).

Podemos verificar um ponto na abordagem acima da dona Francisca Isabel Moura, que hoje a santa é carregada em um carro alegórico e não mais pelos braços das pessoas, então se verifica uma modificação que pode ser também uma alteração do tempo, ou comodismo das práticas de procissões. Vejamos, para os fiéis católicos o ato de carregar santos tem o sentido de sacrifício. Jesus foi o primeiro a apresentar esse sacrifício, uma vez que carregou por muitas ruas uma cruz pesada. Então devemos refletir a esse ponto, porque então nos dias atuais os fiéis católicos não levam mais a imagem dos santos nos ombros em sinal de sacrifício como antes? Seria então uma nova forma de praticidade dos organizadores das procissões, ou então não veem mais a forma de carregar santos como ato de sacrifício e acabam por negligenciar o costume? Fica então a reflexão já que não devemos negar que o passar do tempo altera alguns costumes, mas também é preciso pensarmos se o sentido da simbologia fica com a mesma fidedignidade da intenção do propósito do ritual.

Ela ainda relata que sempre vai para as comemorações das procissões com uma máquina fotográfica para tirar fotos, filmar o evento, em um trecho ela diz que: “Mulher eu fui ano passado pra procissão e tirei foto junto da santa, ficou tão bonito, como antigamente eu ia conseguir uma coisa dessas? a foto ficou tão viva”. (SOUSA, 2017).

Nos depoimentos acima as depoentes não veem problema algum nas modificações que o tempo trouxe para as celebrações religiosas católicas. Elas afirmam que as ornamentações, enfeites, enfim a preocupação dos organizadores das festas de procissões com a estética, com o passar dos anos está cada vez mais criativas e bem ornamentadas e estas não atrapalham a fé, dizem que melhora o ambiente e se sentem mais a vontade com isso, que para elas o que importa de verdade é a fé que os devotos têm na santa, padroeira e em Deus. Assim como as ornamentações afirmam que uso das tecnologias só veio a acrescentar para os fiéis católicos, que veem nas comemorações das procissões mais vida, mais beleza e cada vez com mais comodidade. Essa comodidade pode fugir um pouco do sentido esperado no propósito que se tem de procissões, visto que as procissões são cortejos que denotam sacrifício já que é uma caminhada a pé e seus antigos costumes são de caráter penitencial e devocional. Para exemplificarmos a ideia de penitência é que vemos em muitas das procissões fiéis vestidos de batas marrons de pés descalços. Tem pessoas que até pagam promessas durante as procissões das mais variadas formas contanto que se tenha juntamente com o sentido da caminhada o pagamento de promessas ou a penitência como forma de busca de alguma benção.

Para isso verificamos a sua intenção que é de reflexão, de sacrifício e principalmente de busca que é uma das características principais a que o ser humano procura nessas praticas. A busca do sagrado. A caminhada se caracteriza por vários significados, geralmente pessoais, mas que todas têm a mesma função, como ato devocional, manifestado na fé e crença que seus fieis tem.

Nas festas em procissões é importante se ter um carro de som onde possa acompanhar com os cânticos e palavras ditas no percurso da caminhada. Como a igreja catedral da cidade não tem um carro só para esta atividade é então pedido um carro de som como patrocínio para a igreja, a Empresa Armazém Paraíba, todos os anos disponibiliza o seu carro volante de som para a realização das festas de procissões. O carro de som é cedido apenas como patrocínio sem ajuda de custo, como uma forma de colaboração da empresa para com os eventos da igreja. Para a maioria dos meus entrevistados a utilização do carro de som não só é um meio onde a propagação dos eventos da igreja é espalhada, mas também uma forma de quando nas festas o seu som alto chegar a todos ao redor e ao mais longe possível fazendo das comemorações festivas uma unidade em que todos possam compartilhar.

Para continuar a discussão é importante que vejamos outro viés, pois nem todas as pessoas estão de acordo com tanta ênfase nas questões de estética ou tecnológica utilizada nas procissões da igreja católica. Para alguns devotos o investimento em grandes ornamentações e uso exagerado da tecnologia acabam desviado o foco da verdadeira intenção das procissões que para eles significam a fé em sacrifício no percurso da caminhada.

Para essa discussão utilizarei o depoimento de Welington Silva Araújo, de 53 anos, um devoto das procissões, que relata estar um pouco incomodado com as mudanças que vieram ocorrendo nas organizações das procissões. Ele relata que hoje em dia a estética chama mais atenção do que a verdadeira intenção das procissões. Ou seja, ele afirma que o sentido real de uma procissão não é chamar a atenção para sua beleza em arrumações de carros, em enfeites que demonstram ostentação em uma coisa que deveria ter um único sentido de fé e purificação.

Nas palavras do senhor Welington Silva Araújo, as procissões são um ato devocional, uma manifestação pública da devoção, mas que devemos buscar um pouco mais além sobre a questão da devoção, “Eu acredito que seja uma caminhada do povo de Deus em busca de alguma coisa, em busca de agradecimentos, de bênçãos”. (ARAÚJO, 2017). Ele também cita o antigo testamento como prova de que já existiam

as caminhadas em procissões em que Deus falava com seu povo juntos em caminhada nas procissões. O senhor Welington Araújo relata que:

A procissão significa um momento de reflexão pessoal, dentro da minha igreja da minha religiosidade em busca da minha identidade religiosa, e também em busca da minha crença, do meu eu, de acreditar que essa caminhada está me levando a Deus e me fortalecendo como pessoa melhor. (ARAÚJO, 2017).

É curioso percebermos nas intenções de fé o quanto há de diversidade. Nem todos compreendem o ato de procissões da mesma forma. Isso torna uma particularidade do devoto, cada intenção é sentida e externada de forma diferente. Todos os devotos relatam de uma forma diferente o que sentem e a forma que agem e sentem diante da caminhada em procissões, todos tem apenas algo em comum eles estão ali por um motivo e compartilham da mesma fé, a devoção a os santos.

Nas palavras do senhor Welington Silva Araújo podemos verificar uma preocupação com o sentido que a estética esta dando ao ritual de procissões. Vejamos em suas palavras:

A representação da imagem do andor, da beleza estética que se tem é importante porque não deixa de ser um teatro e o teatro chama a atenção, eu me atendo a estas questões de andores muito bonito de enfeites de mais, por que me preocupa sobre o que as pessoas vão buscar, vão buscar a beleza de um carro alegórico levando uma santa? Ou vão buscar a beleza de se encontrar com Deus? (ARAÚJO, 2017).

As palavras do senhor Welington Araújo diferem da visão das outras depoentes a dona Rosimar e dona Francisca Isabel, pois elas não vêm dessa forma. Para elas é importante uma grande ornamentação, significa uma festa bem arrumada e chama a atenção dos devotos para um sentimento de bem estar. É importante fazemos essa diferenciação para esclarecer que as visões dos devotos em relação às características e propósitos religiosos nem sempre são os mesmos, isso mostra a diversidade dentro do campo religioso católico.

Para o senhor Welington Araújo as caminhadas em procissão devem ser como antigamente, o carro que hoje leva a santa em procissão seria uma coisa desnecessária e estaria fugindo do sentido do sacrifício. Ele diz que a caminhada tem que ter o sentido penitencial, levar a imagem de andor no ombro pra ele é um ato de sacrifício, “Porque agente está caminhando e encontra pedregulhos em nossas vidas. Nós em nossas vidas

encontramos situações que não são muito boas, então devemos sair do comodismo” (ARAÚJO, 2017). Ele acredita que:

Antigamente era mais aprofundada na palavra, nos tínhamos uma religiosidade mais consistente, em atos e ações. Hoje com a facilidade de watsap, redes sociais, face book tem se uma divulgação maior e se torna mais fácil, mas também a palavra se torna mais descartável. Sou adepto e não me considero velho pra isso da palavra proclamada dita oralmente em que se olhe no olho do outro, porque assim você percebe que o outro está lhe escutando. Acho que o grande problema hoje nesse impacto é que a tecnologia esta desviando. Hoje se você for para uma igreja você observa que as pessoas estão com o celular tirando fotos e deixa a palavra de lado, hoje em dia você fica com o referencial do pároco, da canção nova na rádio, do padre popstar. Tem alguns referenciais que agente se perde nessa quantidade de informações. (ARAÚJO, 2017).

Ele mesmo relata que a procissão é uma demonstração pública da fé católica e da devoção.

Eu sou favorável que ela aconteça e que saiam os fieis da igreja e caminhem. O papa Francisco hoje chama muita atenção pra essa igreja em saída, essa igreja que as pessoas têm que buscar lá fora, e levar lá fora a palavra de Deus, a palavra de Cristo. E sem sobra de dúvidas a procissão é um ato de apostolado de evangelização, observo muito nas ruas, nas sacadas dos apartamentos, nas calçadas das casas, você vê manifestações públicas de fé, de devoção. Eu gosto! Eu acho que é necessário, não deve morrer. Acho que a igreja deve buscar essa caminhada sempre, seja a festa da padroeira ou outra festa religiosa, mas essa devoção estendida pra fora saindo da porta da igreja é importante. (ARAÚJO, 2017).

Em todo seu depoimento ele afirma estar muito triste com essa devoção à estética. Não quer questionar a fé popular o que ele quer é que busquemos os princípios a simplicidade na fé, ele acredita que Deus agente encontra na simplicidade. Questiona ainda que nas organizações da festa da padroeira as reuniões que são para a preparação da festa ele observa mais uma discussão na decoração da festa do que num tema a ser desenvolvido, o tema se deixa pra segundo plano. Afirma ainda que deveria ser desenvolvido em 1º lugar um tema e seja discutido com a comunidade, com a pastoral com os padres dentro da diocese e que se aprofunde mais e que não se perca tanto tempo procurando a beleza estética:

É claro que se deve arrumar a casa de Deus limpar e arrumar, mais que isso não se torne a prioridade. Quando abro as redes sociais vejo

uma série de fotografias e comentários dizendo está lindo! Está lindo, foi belo! Foi bonito, sim mais foi bonito o que? A estética ou o que ficou em mim das orações? (ARAÚJO, 2017).

Ele relata que não vê nessas imagens e comentários sobre a fé externada em palavras, mas uma série de mensagens falando sobre como as procissões esta bem arrumada e enfeitada e acaba ficando desse evento só a beleza estética.



Figura 11. Foto do carro alegórico que leva a imagem da santa Nossa Senhora dos Remédios em procissão, nas ruas da cidade de Picos, 15 de agosto de 2017. Fonte: arquivo pessoal de Antônia Alaíde Veloso.

Na foto acima podemos verificar a santa sendo levada em procissão num carro. Na foto pode ser observadas pessoas ao redor admirando e tirando fotos da imagem que se encontra muito bem ornamentada. As mudanças que o tempo provoca em uma cidade sem sombra de dúvidas irá modificar também as características de como são representadas as organizações religiosas. A diferenciar pela movimentação das pessoas ao redor do carro bem ornamentado que leva a santa padroeira em procissão nos dias atuais se comparar com a simplicidade da caminhada em procissão que ocorria na década de 1950. Vejamos como antigamente em meados da década de cinquenta, na cidade de Picos era organizado as praticas de procissões:



Figura 12, procissão religiosa próxima a Praça Felix Pacheco na cidade de Picos. Data em meados da década de 1950. Fonte Disponível em: <<https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/>>. Acesso em: 10 jun. 2017. 4 foto p&b.

Vejamos nessa imagem ao lado da praça do centro da cidade de Picos uma aglomeração de pessoas seguindo em procissão. Veja que as pessoas seguem em duas filas paralelas, demonstrando certa organização para a caminhada. Observamos também crianças dispersas em cima da calçada que correspondem à praça, outras de mãos dadas com suas mães acompanhando-as em procissão. Nas palavras da dona Miriam Lélis ela relata o tipo de organização que existia e que tinham as procissões desse período:

Antes aqui agente, os padres conseguia umas procissões em fila das pessoas de um lado e de outro e o santo atrás, agora não é mais assim é toda multidão acompanhando, isso ainda pegou um pouco do recorte temporal de 1975. Entravam nas ruas as filas assim de um lado a associação religiosa fardadas, que era muito importante, agora ate deixou porque não tem mais a fila não tem mais aquela distinção ai às pessoas vão do jeito que quer. Eram duas filas uma de um lado e de outro e o santo atrás, e iam em procissão nas ruas. (LÉLIS, 2017).

Hoje as procissões são conjuntas não existe mais essa organização em filas. O aglomerado de pessoas segue de acordo com a posição que desejam na frente ou atrás do carro que leva a santa. Para o senhor Welington:

Antigamente existia e eu via, achava muito bonito as associações religiosas a exemplo do apostolado da oração, confraria de nossa

Senhora do Carmo, vicentinos, os associados dos povos de Santo Antônio. Então tudo isso eram associações que se faziam presente nas vestimentas nas procissões inclusive existia a imagem na frente e em seguida todos em fila nessas associações de suas respectivas bandeiras ou estandarte representando essas associações religiosas. Hoje essa representatividade acabou. Essa beleza estética de pessoas manifestando a sua religiosidade do seu grupo a qual pertencia foi se extinguindo. Hoje você não vê mais isso. Existe hoje em dia uma popularização da camiseta da festa. Porque isso acontece? Porque isso terminou gerando uma questão financeira, porque há um retorno financeiro com a venda dessas camisetas, mas eu acredito que pode se resgatar também essa participação de forma organizada das associações que pertencem a paróquia. Porque ali está os alicerces de quem está no dia a dia, nas suas devoções e principalmente, eu acredito que daria um ar mais formal, mais solene a procissão. (ARAÚJO, 2017).



Figura 13, procissão religiosa seguindo as ruas da cidade de Picos. Data em meados da década de 1950. Fonte Disponível em: <<https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/>>. Acesso em: 10 jun. 2017. 4 foto p&b.

Verificamos na foto acima pessoas seguindo em fileiras nas procissões, indicando certo tipo de organização, assim como consta nos depoimentos dos entrevistados. Hoje as filas já não existem mais a multidão segue de acordo como deseja

geralmente todos juntos em aglomeração. Uns seguem na frente ou atrás dos padres e do carro que é levado à santa.



Figura: 14. Foto da imagem da santa Nossa Senhora dos Remédios na igreja catedral de Picos. Data: 2017. Fonte: <http://www.riachaonet.com.br/wpcontent/uploads/2017/08/categal7.jpg>

Vejamos na foto acima que algumas pessoas estão usando as camisetas referentes à festa em homenagem a Santa Padroeira Nossa Senhora dos Remédios. Observem que hoje as vestimentas de muitos devotos e dos organizadores são camisetas personalizadas. Estas camisetas são mandadas confeccionar por organizadores da igreja, geralmente com a imagem da santa ou santo que é homenageado. Na frente da camiseta fica a foto do santo(a), data do festejo e um tema específico da comemoração. Estas camisetas são encomendadas pelas organizações dos eventos religiosos, geralmente em festejos e principais eventos da igreja, e são vendidas para os devotos. O dinheiro arrecadado com a venda das camisetas é destinado para reformas da igreja ou para algum benefício da mesma.

Dessa forma podemos entender que o espaço onde se institui o sagrado não pode ser considerado apenas como um espaço de religiosidade, mas também encontramos a necessidade de relações sociais com contatos comerciais de forma que a venda das camisetas, de imagens terços dentre outros objetos encontrados dentro do âmbito religioso visto que há mercadorias a venda. Assim concluímos que há uma relação de

agentes sociais que caracterizam um comércio com dimensões simbólicas econômicas. “No Brasil o catolicismo popular é repleto de bens simbólicos como: imagens, velas, terços, medalhas, santinhos, dentre outros objetos, que fazem parte de um mercado de produção de artigos religiosos que trabalham anualmente”. (MACENA, 2010, p. 17).



Figura: 15. Foto da representação da vinda da santa nossa Senhora dos Remédios para Picos. Data 2017
Fonte: Fonte: <http://www.riachaonet.com.br/wpcontent/uploads/2017/08/categal7.jpg>

Observamos na foto acima uma representação comemorada todos os anos na cidade. Que ilustra a chegada da imagem da santa Nossa Senhora dos Remédios pelas mãos de um escravo. Na ilustração vemos o escravo que trás no ombro a santa nossa Senhora dos Remédios assim como descrito pelos devotos que tem essa história como tradição, e por conta dessa tradição todos os anos encena-se esse ritual para lembrar como a imagem chegou a Picos. Para comprovar algumas das palavras que já foram ditas, observemos através da foto que várias pessoas que seguem o cortejo estão usando uma camiseta personalizada, que representa o festejo da santa padroeira. Na mesma foto verificamos logo mais atrás um grande carro de som patrocinado pela empresa Armazém Paraíba e que é utilizado nas procissões como carro de som para ampliar o som da celebração religiosa a um maior alcance da população.

Na foto acima também podemos observar os avanços tecnológicos que utilizamos hoje. Observem que várias pessoas seguem tirando fotos da cena do homem representando o escravo. Isso pode ser representado como forma de guardar um registro

da procissão, possivelmente postar em redes sociais ou em jornais. O que registramos é que algumas pessoas se utilizam dos meios tecnológicos como uma forma de guardar um registro de uma cena que mesmo que aconteça anualmente mais que sua representatividade fique registrada não só na memória das pessoas presentes, mas, como memória fotográfica, o que faz com temos mais um artifício que podemos guardar para a posteridade e assim seguir com o ato tradicional lembrado todos os anos através destas representações.

“No mundo contemporâneo apesar da modernidade que trouxe os avanços tecnológicos, a religião, cresce, sobrevive e faz parte da cultura”. (MACENA, 2010, p. 23).

A simbologia representada na cena da foto acima mostra o escravo acorrentado denotando um período de escravidão, onde os negros eram escravizados e subordinados aos desmandos dos seus coronéis. A cidade Picos em seus primórdios era um povoado comando por fazendeiros coronéis que tinham muitos escravos e dessa forma os serviços da roça, fazenda, entre outros era obra dos braços dos negros escravizados. A memória da história da santa é uma cópia do que chamamos de “tradição”, pois ela representada todos os anos na festa da padroeira Nossa Senhora dos Remédios. Revivendo aquele momento em que a imagem percorreu longos caminhos ate a cidade de Picos para assim enfim se cumprir a promessa do coronel João de Deus e a tão sonhada alforria do escravo que trouxe a imagem. A história muitas vezes guarda permanências e rupturas, nesse caso a permanência dessa ação representativa se preservou como uma tradição para o povo picoense.

Um assunto bastante comum que encontramos nos depoimentos sobre as procissões, é o que as pessoas costumam fazer no percurso dessas procissões? Os relatos foram quase os mesmos, no caso da dona Miriam Lélis diz que:

Ai tem umas pessoas que vai rezando, outras vão cantando e outras vão conversando (risada). Querem fazer aquele período ali, mas não se ligam muito né aos cantos nem as orações, ai vão conversando. Tem os cânticos tem as orações tem as pessoas que falam no microfone sobre a imagem e tal. (LÉLIS, 2017).

Em todos os depoimentos esse relato foi comum, muitas pessoas hoje em dia procuram acompanhar as procissões, mas não seguem as intenções que o evento se objetiva. Algumas pessoas como pudemos observar acompanham a procissão conversando, dando rizadas, e hoje em dia principalmente tirando fotos e filmando quase o tempo todo. É praticamente uma seção de filmagens.

Essas características particulares dos devotos das procissões demonstram que cada pessoa possui um entendimento particular da intenção das procissões, mas queremos por outra discussão: algumas pessoas também utilizam as caminhadas em procissões para socialização, ou seja, para conversarem. É um lugar onde há uma grande multidão e nela pessoas se reencontram, pessoas que nunca mais se viram aproveitam aquele percurso para conversar, botar o papo em dias. O senhor Welington Araújo em depoimento, teceu comentários críticos sobre esses costumes das caminhadas.

Eu vejo várias coisas, eu vejo desde devoção realmente daquelas pessoas que vão descalças as vezes pagando promessa, outras com velinha acesa, caso muito raro, uma coisa que esta faltando ainda dessa mística é a caminhada iluminada, eu sou muito adepto, e lembro na minha memória afetiva dessa caminhada iluminada, a vela acesa que pra mim tem uma simbologia ainda mais forte, porque além da caminhada em busca desse reino de Deus, a luz como simbologia de que a aquela luz é cristo vivo e que agente precisa ser iluminado. Acredito eu que é onde se tá perdendo um pouco dessa devoção explicita do cristão, porque hoje se você pegar uma caminhada ligou o automático e foi, porque não canta, não reza, caminha correndo e ali como se fosse cumprir um ritual, eu cumpri o ritual e acabou-se. Eu vejo muito isso. Muita conversa, tem horas que é um barulho muito grande, é muita risaria, então se perdeu um pouco da essência Quando se coloca a imagem no ombro e se coloca ela como sacrifício eu tenho um passo a ser dado eu vou caminhando em um ritmo de caminhada e aquele que tá levando a tendência dele é caminhar mais devagar, porque ele tem um peso a levar e também esta tendo a simbologia de um trocar e dividir contigo o peso o sacrifício. Então essa partilha de alternância eu vou dividindo o peso da minha vida contigo, compartilhando a graça que eu tenho com você. Eu sou radicalmente contra a procissão onde se coloque uma máquina pra levar a santa em substituição ao homem. A coisa tá ficando automática e é ai onde não pode, tem que dá um retorno a valorização dos rituais e a procissão em si tem que voltar aos princípios. (ARAÚJO, 2017).

No depoimento da dona Francisca Isabel de Sousa diz que os fieis devotos “Reza, canta, glorifica a Deus, agradece, vai conversando com os colegas, colocando os papos em dia, em fim dispensa um pouquinho também” (SOUSA, 2017). Nas palavras da dona Francisca Isabel Sousa, não identificamos que ela se preocupa ou considera incomodo as conversa durante as procissões. Acreditamos que para dona Francisca Isabel Sousa e outros entrevistados dessa pesquisa hoje em dia essa dispersão, conversação nas caminhadas de procissões tornou-se mais uma das modificações do tempo, nos posicionamos desta forma pela naturalidade nas suas respostas quanto à pergunta que lhes foram dirigidas.

Nas procissões podemos verificar que há uma variedade de opiniões, e intenções

religiosas diferentes, mesmo porque envolve muita gente, uma aglomeração de centenas de pessoas, onde nem todo mundo está ali com a mesma finalidade, ou com o mesmo interesse de sentimentos. Há uma variabilidade de propósitos das pessoas e isso se torna diversidade dentro da religião católica.

Nesse sentido por vezes acredita-se ser um ato de compromisso com os costumes religiosos o que faz problematizarmos uma reflexão; essa discussão remonta a outro questionamento pertinente ao assunto, onde observamos em algumas entrevistas sobre as práticas de procissões que há uma fé exaltada na santa, ou seria um sentimentalismo exacerbado, envolvido num sentimento apenas tradicional, passado de geração a geração? Esta questão foi pensada quando em nosso questionário de perguntas fizemos a pergunta: “Dede quando você participa das procissões da santa Nossa Senhora dos Remédios?” Todos os entrevistados em unanimidade responderam de uma forma ou de outra, “Que desde criança, quando minha mãe na fé católica me levava para as procissões”.

Dentro dessa resposta em comum, veio o seguinte questionamento: essas pessoas realmente gostam de participar das procissões em devoção à santa, é uma escolha delas, que parte delas ou vem apenas de uma tradição familiar? Ficamos nos perguntando a respeito, porque fomos direcionadas a participar das procissões quando ainda criança e tivemos fundamental influência da nossa mãe devota católica da santa padroeira e frequentadora assídua das procissões da santa.

Acreditamos que se nos reportássemos novamente em uma pergunta dessas aos depoentes eles iriam falar que gostam de participar das procissões e são fieis a caminhada porque gostam, mas será que se não tivessem tido influência e uma tradição familiar tão acentuada eles o fariam? Eles teriam essa devoção tão grande nas caminhadas em procissões de adoração a os santos? Não queremos aqui questionar a religiosidade de ninguém apenas verificar a real intenção que os frequentadores das procissões têm seu sentido de devoção ou apenas uma questão tradicional por conta da herança religiosa familiar.

Quando da pergunta: “Qual a razão que o (a) levou a participar das procissões da santa nossa senhora dos Remédios?” Fui buscar respostas e encontrei a seguinte: “Fé e devoção, sem dúvida nem uma” (ARAÚJO, 2017). Quando lhe perguntei se a família tinha lhe influenciado ou era questão de tradição familiar à resposta foi a seguinte:

Também, mas a minha família nem tanto era uma família digamos assim atuante dentro da igreja, sempre foi à igreja católica eu fui

batizado minha família também é toda católica, mas a minha decisão de participar mais efetivamente e de estar mais próximo de tudo foi minha, uma fé que me movia, foi uma vontade que me dizia, que me chamava a isso, às vezes as pessoas pensam que esse chamado é para que as pessoas virem sacerdote, você ingressar na vida religiosa, hoje não, o leigo ta sendo muito bem visto na igreja e precisa mais e mais de pessoas e eu particularmente me sinto muito a vontade de participar de estar perto de poder frequentar de poder rezar. (ARAÚJO, 2017).

Para essa pesquisa foi importante interpretar e apresentar as diversidades dos relatos dos entrevistados para possibilitar uma discussão mais instigante sobre a religiosidade picoense. Entre os devotos foi demonstrado que diversos são os fatores que os levam as suas crenças, as particularidades e pluralidades que os fazem participarem das práticas de procissões na cidade de Picos. E o que fica é que sem duvida, há uma simbologia tradicional muito forte, isso ficou visível em todos os relatos. No entanto, há aqueles que dentro dos seus costumes procuram algo mais, se destacar do meio tradicional e seguir sua crença particular porque gosta e acredita, ou porque veio a acreditar e ser devoto por si só, isso caracteriza uma marca particular daquele que tem na sua religião devocional uma singularidade religiosa.

2.2 A importância dos rituais de procissões como preservação da cultura.

A autora Aurea Pinheiro em seu livro “Celebrações” aborda a temática do ritual de procissões como uma forte presença cultural no nordeste: “O ritual mantém vivas as crenças e os valores emblemáticos da religião católica e da religiosidade do nordeste” (PINHEIRO, 2009). A autora em seu estudo entende as procissões como símbolos de cultura. Na sua pesquisa ela analisa as procissões do nordeste, um montante de características e significações que são referenciadas por essas praticas onde serve de crenças em valores que o nordestino coloca em suas vidas cotidianas. A presença dessas crenças se torna forte na medida em que a autora vai aprofundando em sua pesquisa e buscando entender melhor a importância desses rituais para esse povo.

Em um trecho ela coloca:

No Piauí, há exemplos significativos destes rituais, celebrações e festas dignos de serem recuperados, conhecidos e preservados como elementos importantes do patrimônio cultural brasileiro não apenas para apreciar, mas para democratizar seu acesso e sugerir políticas de uso sustentável do patrimônio para as gerações futuras. (PINHEIRO, 2009).

Aurea Pinheiro em seu estudo analisa as mais diversas praticas que se seguem no nordeste, afirma que devemos recuperar antigos costumes praticados por devotos que manifestam esses rituais através da fé. Ela diz ainda que devemos preservar esses rituais de celebrações como um elemento do patrimônio cultural brasileiro.

“Cultura é um conjunto complexo que inclui conhecimento, crença, artes, moral, lei e várias outras aptidões e hábitos adquiridos pelo ser humano dentro de uma sociedade”. (Tylor, 1963).

Então a cultura pode ser formada por vários fatores diferentes como exemplo podemos identificar como crenças religião e qualquer tipo de costumes adquiridos pela experiência do individuo que se encontra inserido dentro de uma sociedade. E cada sociedade tem sua própria organização cultural, de acordo com os costumes e valores instituídos em cada um de seus aspectos.

As culturas acabam por serem distintas umas das outras exatamente por variar de acordo com a modificação do espaço físico e mental realizado por meio da ação do individuo. Então podemos também ter a ideia de que a cultura tem sua evolução gradativa de acordo com cada região dentro das relações históricas envolvendo passado e presente. Sendo assim a religiosidade encontra-se inserida dentro da cultura, se caracterizando por símbolos, valores e costumes a que lhe são referidos.

“O conceito do sagrado e seu simbolismo caracterizam o poder mantido e executado pela comunidade em seus centros religiosos. Pela existência da cultura se cria fortalece se exprime a relação simbólica existente entre a cultura e o espaço”. (BONNEMAISON, 1981, p. 251).

A religiosidade tem seu próprio significado na devoção e na fé de cada individuo. O sentimento vivido por cada pessoa é particularmente individual, mas que se torna compartilhado no momento em que se passa a ser envolvido em crenças, ações e valores que se misturam de uma forma comunitária. As experiências são misturadas na medida em que o coletivo se relaciona dentro do âmbito religioso através da fé e devoção formando um campo não só religioso mais também cultural.

As crenças propriamente religiosas são sempre comuns a uma coletividade determinada, que faz profissão de dota-las e praticar os ritos a elas ligados. Essas não são apenas admitidas a título individual por todos os membros desta coletividade, mas é uma coisa do grupo e constituem uma unidade, os indivíduos que a compõem se sentem ligados uns a os outros pelo simples fato de ter uma fé em comum. (DURKHEIM, 1982, p. 46).

Para os entrevistados os atos de procissões na cidade de Picos é um importante elemento cultural que denota desde os seus primórdios e que tem um valor cultural fundamental na cidade. Este fato pode ser percebido em todas as entrevistas quando da pergunta: Você entende as procissões da cidade de Picos como uma cultura para o povo picoense? Em todas as respostas foi comum os entrevistados falarem das procissões como cultura para o povo de Picos.

Considero como cultura, como uma coisa tradicional de longas datas, e continua, porque hoje a gente pensa assim nas pessoas que não querem mais fazer essas procissões, dada ao grande movimento da cidade, mas, nada disso empata. Ela acontece e é forte, até mesmo porque as pessoas já tem aquele respeito, vem uma procissão, se vem um carro desvia pro outro caminho ou então fica esperando como respeito porque a procissão tem prioridade. (LÉLIS, 2017).

Para dona Miriam Lélis as procissões são de caráter tradicional e merece respeito, sua passagem como afirma a mesma tem prioridade. Quando o cortejo da procissão está passando nas ruas há sempre os guardas de trânsito e policiais para organizar o movimento de passagens de carros, mas mesmo assim os carros ao verem a procissão em andamento respeitam e dão passagem ou desviam para outro caminho.

“Cultura é o sistema integrado de padrões de comportamento aprendidos, os quais são características dos membros de uma sociedade e não resultado de herança biológica”. (HOEBEL e FROST, 2006). Então podemos entender que cultura é um conjunto de valores e comportamentos adquiridos por uma sociedade, sem que esta seja necessariamente determinante ou instituído por antepassados, geralmente se dá pela comunicação ou comportamento social através de características inventadas.

No Brasil a região nordeste é considerada com características de religiosidade ainda mais forte do que o resto do país e como tal adquire uma predisposição a cultura religiosa, visto que é de costume frequentemente realizar festas, procissões, ações religiosas populares mobilizando um grande contingente de pessoas. Sendo assim mexe com o pensamento e o comportamento social formando uma instituição cultural.

Devemos então entender que as práticas de procissões são ações de caráter cultural, visto que são festas populares onde em sua realização mobiliza centenas de pessoas, possuem um caráter muito forte de aglutinação de pessoas que geralmente são fieis e devotos onde todos se mobilizam a essa caminhada tendo como objetivo principal a devoção a santos católicos. Acreditamos que esse é um ponto que deve ainda ser muito estudado devido à ação de aglutinar uma grande a quantidade de pessoas e procurar entender mais afundo porque até os dias atuais esta manifestação cultural ainda encontra-se tão presente.

Como estudante do curso de história acreditamos ser importante o estudo da identificação da cultura na nossa cidade, tendo as praticas de procissões como alvo da discussão. Elas são costumeiramente realizadas todos os anos, e não só em homenagem a padroeira Nossa Senhora dos Remédios mais existem tantas outras procissões tão ou com mais intensidade. O importante aqui é que além de mobilizar um grande número de pessoas das mais variadas idades e classes sociais elas ainda, comportam um grande espaço da cidade, pois sua caminhada passa por várias ruas e seu som chega a alcançar lugares muito distantes aonde à passeata não chega a passar, mas, todos conhecem e mesmo os que não participam do cortejo mais ouvem e veem sua realização.

Elas ainda movem o comércio visto que, muitos festejos religiosos são comemorados em dias onde há feriado e geralmente são paralelos a festas de shows, bailes considerados como as festas profanas. Interessante porque o mesmo aglomerado de pessoas que vão as festas religiosas ao saírem delas vão diretamente para as festas em clubes e isso é bem comum geralmente em cidades menores, onde os organizadores de festas em clubes e casas de shows aproveitam o grande movimento de pessoas para realizarem suas festas e assim garantir um bom lucro. Então consideramos que essa prática cultural promove a socialização de pessoas e ainda alimenta o comércio da cidade.

A festa contemporânea não é caracterizada apenas como forma de manifestar a cultura popular, mas sim como um grande evento que possibilita vantagens políticas e principalmente econômicas. Com os festejos dos padroeiros, percebe-se que a cidade, ganha prestígio social, os comerciantes o prestígio econômico com vendas de bebidas e comidas e o poder político aproveita a ocasião para se fortalecer politicamente. (MACENA, 2010, p. 25).

Essas duas comemorações festivas a da religiosidade e a as festas em clubes e casas de shows parecem se opor, mas são ocorrentes em muitas cidades principalmente

em cidades interioranas e para essa discussão a autora Mircea Eliade em o “Sagrado e o profano” diz que o sagrado se opõe ao profano.

“O homem religioso se quer diferente do que ele acha que é no plano de sua existência profana. O homem religioso não é dado: faz-se a si próprio ao aproximar-se dos modelos divinos. Estes modelos, como dissemos, são conservados pelos mitos, pela história das gestas divinas. Por conseguinte, o homem religioso também se considera feito pela História”. (ELIADE, 1992).

Dessa forma vemos duas modalidades onde dentro delas o ser humano encontra-se inserido. A autora confere essas duas situações o sagrado e o profano como existentes na vida do ser humano que perpassa ao longo da sua vida. Assim podemos identificar como modalidades complexas sociais e culturais, na qual estão envolvidas várias características que envolvem simbologias, rituais, crenças valores morais e éticos em fim, conceitos dentro de um sistema de organização social, mais que todos dependem da natureza e do comportamento do ser humano. É preciso entendermos que o homem na sua vida religiosa acaba por se esforçar em seguir e manter sua religiosidade, no entanto devemos considerar que na sua experiência de vida particular, privado ele deixa esse mundo sacralizado e tende a viver num mundo onde se opõe ao sagrado ou seja no mundo profano.

Contudo podemos verificar que o ser humano por sua complexidade, constrói valores e praticas crenças que se inserem na experiência do sagrado e tudo aquilo que lhe é alheio e considerado profano e acaba por se contrapor, mas é evidente que a situação do homem nos dias atuais foge as considerações do sagrado. O que quero dizer é que não há como fugir dos movimentos e relações sociais sem que estejamos dentro das duas modalidades. Vejamos as situações descritas se uma pessoa religiosa busca a sacralidade nas procissões e depois vai a festas e bailes considerados profanos, isso significa dizer que na sociedade contemporânea a que estamos vivendo as ações e comportamento do individuo tornasse maior do sua crença, visto que oscilam entre essas duas modalidades não podendo se desvincular de nem uma.

“As reações do homem diante da Natureza” são condicionadas muitas vezes pela cultura – portanto, em última instância, pela história. (ELIADE, 1992, p. 15).

Dessa forma entendemos que as ações dos devotos podem estar relacionadas à cultura já que é de costume muitas festas religiosas em uma cidade serem acompanhadas após seu termino a uma festa em casa de shows, ou bailes, serestas, entre

outros. No tocante a esse assunto o que importa é mostrar que hoje vivemos em uma sociedade onde a oposição do sagrado e do profano existe mais o ser humano procura oscilar entre essas duas modalidades ele busca realizar todas as suas ações sem que estas afetem seu estado natural de crença religiosa.

Praticamente em todas as entrevistas observamos muito a utilização da palavra “tradição”. Os devotos picoenses consideram as praticas de procissões como um sinal de tradição muito antiga da cidade. Então por esse viés é importante verificarmos o que significa a palavra tradição e o que ela realmente representa como elemento cultural.

“As praticas de procissões é um tipo de renovação da fé, uma tradição cultural pro povo de Picos”. (ALBANO, 2017).

“Significa uma tradição mesmo, a pessoa tem aquela tradição de ir aquela procissão, já fica até esperando aquele dia certo das festas na igreja. Eu vou todas as procissões, desde o inicio até hoje em quanto os meus pés caminharem eu vou a tudo”. (MOURA, 2017).

“Nas procissões é representado à fé que agente tem e com certeza deve continuar. Pois significa tradição pros devotos. (FEITOSA, 2017).

As procissões devocionais dos nossos santos são atos de uma cultura tradicional não só pro povo picoense, mas para todos os cristãos, é uma busca da nossa identidade, da nossa memória dos nossos ancestrais. É uma tradição que se perpetua e que tem essa simbologia da penitencia. (ARAÚJO, 2017).

Geralmente entendermos por tradição fatos contados oralmente, que com passar do tempo é transmitido de geração a geração dando um caráter de costumes, práticas e ritos. Alguns conceitos históricos podem dar significados à palavra tradição:

A palavra tradição teve originalmente um significado religioso: doutrina ou prática transmitida de século para século, pelo exemplo ou pela palavra. Mas o sentido se expandiu, significando elementos culturais presentes nos costumes, nas Artes, nos fazeres que são herança do passado. Em sua definição mais simples, tradição é um produto do passado que continua a ser aceito e atuante no presente. É um conjunto de práticas e valores enraizado nos costumes de uma sociedade. Esse conceito tem profundas ligações com outro como cultura e folclore. (SILVA e SILVA, 2006. p.1).

Desta forma podemos entender por tradição um conjunto de costumes que fazem parte da cultura de uma sociedade. Esses costumes com o passar do tempo se

torna sólido e fica enraizado no âmbito de uma sociedade que acaba por perpetuar e preservar seu sentido por longas datas. Sendo assim temos o costume das praticas realizadas todos os anos tidos como atos de procissões que para os devotos católicos picoenses esses costumes tem como definição uma cultura tradicional que é levada muito a sério já que a mobilização destas ações nas falas dos depoentes com o passar dos anos só se intensifica pela forte presença desse costume antigo.

O temo tradição tem o sentido de preservar os costumes e praticas vividas no tempo passado, geralmente costumes que deram certo e tem significado importantes para sociedade. As praticas tradicionais são sempre ações sociais que denotam um comportamento de repetidas ações costumeiras que são realizadas por conta de razões que o ser humano entende que devem ser defendidas e valorizadas através de suas várias repetições durante os anos. Desta forma podemos entender também que a tradição passa pelos anos com uma única intenção de ser perpetuada, mas está também sujeita a mudanças do tempo. Esta não está livre das modificações que o tempo traz, visto que se fosse seguida de forma sempre permanente em seu sentido mais puro não teria como fazê-lo, pois as transformações do tempo acabam por modificar um pouco as ações, mais sem deformar o sentido real a que se tem de preservar o ato em si.

Uma visão clássica da tradição nas ciências sociais acredita que ela teria dificuldades em acompanhar as mudanças e, à medida que o liberalismo e o individualismo foram ganhando espaço no Ocidente, os comportamentos tradicionais teriam perdido espaço. As tradições, nesse sentido, teriam se enfraquecido com a industrialização e o nascimento das sociedades industriais, dando lugar a uma rotina cada vez mais preenchida pela ciência e pela técnica. Mas as tradições evoluem e se transformam com as novas necessidades de cada sociedade, funcionando inclusive para impedir que ela se dissolva. Segundo Dominique Wolton, a tradição não é mais vista pelas ciências sociais como uma coisa arcaica, mas como aprendizagem, reapropriação. Para ele, na medida em que as sociedades se modernizam, a tradição aparece para suportar a mudança social, pois nenhuma sociedade muda radicalmente, sendo que cada fase de mudança possui também estabilidade. (SILVA, SILVA, 2006, p.1).

Vemos então, que o termo “tradição” é entendido com alguns significados. Pode ter seu significado mais conservador no sentido de preservar antigos costumes, mas também pode possuir características inventadas produzidas pelas transformações ocorridas pelo tempo, onde procura se adequar a novos costumes que são adquiridos

com o passar dos anos. Nesse meio termo verificamos permanências e rupturas desde que não se destrua o sentido original a que se pretende e dessa forma busca manter o objetivo de legitimar seu conceito para a preservação do mesmo.

A tradição segundo Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva:

Está ligada ao folclore, à cultura popular e à formação de identidades. Assim, é um tema muito prolífico, que dá margem a discussões variadas. No Brasil, onde a cultura popular está sendo recuperada cada vez de forma mais intensa e onde também surge um forte movimento de revalorização das tradições e do folclore, é importante que os professores de História entendam os sentidos dessas noções, assim como suas diferenças: enquanto a tradição está atrelada a costumes, ritos e valores mais abrangentes, o folclore trabalha principalmente com as tradições da cultura popular. (SILVA, SILVA, 2006, p.3).

A tradição como tema histórico também ganha seu espaço dentro dos estudos da história e para entendermos melhor esse assunto temos outra perspectiva a dos autores Eric Hobsbawm e Terence Ranger que trazem em seu texto “A invenção das tradições” uma definição do que significa o termo tradição.

Hobsbawm tem o conceito de tradições inventadas como um conjunto de rituais, e práticas na qual tem uma aceitação comum. Dessa forma é objetivado pela ideia de costumes antigos e que desenvolvem valores que são constantemente repetidos pela sociedade tornando se cultura e tradição no campo social.

Vemos então que há uma relação com o passado que denota repetidas ações, dessa forma Hobsbawm vê nas características das tradições inventadas uma conexão com o passado. Devido a sua repetição pertinente as tradições tem a função de legitimar práticas e rituais antigos. Nem sempre esses rituais são tão antigos, mas, sua a força persistente da perpetuação ocorrida pelas repetições fazem com que esses ideais de tradições o sejam é nisso que o autor considera de tradições inventadas. Esses valores antigos são determinantemente aceitos por a sociedade.

Para Hobsbawm a tradição é vista como algo com características fixas, ou seja, devido a ser um conjunto de práticas que sempre se repetem acaba se tornando uma espécie de ato invariável consequentemente remetendo a um passado imaginado.

O conceito de tradição defendido por Hobsbawm tem um caráter invariável, no entanto não posso deixar de salientar que o processo das transformações do tempo deixa certos rastros dando seu caráter de rupturas e permanências nesses valores e costumes tradicionais. Não devemos esquecer que as forças de novos conceitos ideológicos

tendem não a modificar a real intenção dos valores das tradições, mas seu caráter pode com o passar dos anos acrescentar novas adaptações e serem esquecidas outras e mesmo assim não podemos determinar seu caráter invariável, as características históricas não são mórbidas, ela está sujeita as transformações do tempo, visto que não podemos fugir das dessas modificações em que é submetida à sociedade e dessa forma a tradição também se encontra inserida dentro deste contexto.

Dessa forma podemos dizer que as tradições também sofrem as transformações do tempo, visto que precisam acompanhar e se adequar as novas necessidades sociais caso contrário acreditamos que se tornariam obsoletas com o tempo. As inovações que são adquiridas com o passar dos anos chamam muito a atenção das pessoas para a valorização dos costumes e praticas.

Assim entendemos que o conceito de tradição para o termo procissão a que se designa esta pesquisa está também inclusa no âmbito que podemos considerar como uma tradição antiga, visto que os depoentes relatam que desde o início do povoamento da cidade já se faziam práticas de procissões em homenagem a santos, mas que com o passar dos anos podemos verificar nos depoimentos que estas práticas evoluíram para atender a necessidade da sociedade picoense.

A intenção da caminhada do cortejo com a santa pode ser a mesma, mas suas características organizacionais, a inclusão de técnicas e métodos tecnológicos, a vestimenta, portanto, seja na intenção da penitencia ou no âmbito da socialização todas estas características são adquiridas para legitimar e manter funcionando um sistema de valores sociais e culturais do ser humano.

Assim como explica Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva “Mas as tradições evoluem e se transformam com as novas necessidades de cada sociedade, funcionando inclusive para impedir que ela se dissolva”. (SILVA, SILVA, 2006, p.1).

Sociólogos como Tom Bottomore e William Duthwaite, por sua vez, acreditam as tradições não são necessariamente estáticas ou imóveis. Para eles, migrações e mesmo revoluções, que são fenômenos geradores de mudança por excelência, algumas vezes estão baseados no desejo de disseminar tradições ou de protegê-las. (SILVA, SILVA, 2006, p.1).

Contudo vemos que as tradições nem sempre são invariáveis, elas podem evoluir junto com as transformações dos anos. As mudanças que ocorrem dentro de uma

sociedade acabam por transformar valores e práticas à medida que essa seja para adequar ou legitimar um comportamento do ser humano na sociedade. Assim verificamos que a ideia de tradição pode ser maleável, com um objetivo claro de resguardar um passado por meio de suas repetitivas ações, que dão força a costumes que aqui também pode ser entendido como uma prática de valores culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

As discussões acerca deste trabalho foram exatamente para entendermos como as histórias contadas por pessoas, em específico devotas de santos e frequentador de práticas de procissões que por meio da sua fala e experiência mantém histórias vivas em suas memórias seja de quando criança ou de antepassados, mas com características que nos remetem a refletir a importância da história oral como parte fundamental da historiografia de uma sociedade. Ela move várias opiniões e questionamentos que podemos analisar e compreender e dessa forma buscar preenchemos lacunas que ficam do tempo, mas principalmente podemos verificar opiniões diversas de uma mesma situação dando lugar à subjetividade. Podemos verificar também que a evolução do tempo constrói e desconstrói conceitos até então considerado fixos, imóveis, dando espaço a mudanças que são gradualmente transformadas para atender a necessidades sociais e culturais.

REFERÊNCIAS:

ALBANO, Maria da Conceição Silva. SILVA, Albano (orgs). **Picos nas anotações de Ozildo Albano/** Maria da Conceição Silva Albano; Albano Silva, Picos: 2011.

BONNEMAISON, J. “Voyage autor Du territoire”. L’ Espace Geographique, Tome x, 1981.

COSTA e ROCHA, Maria das Dores Rufino, Maria Oneide Fialho, **Dom Augusto Alves da Rocha-1º Bispo de Picos: Memórias da Caminhada/** Maria das Dores Rufino Costa, Maria Oneide Fialho Rocha. Picos-PI, 17 de julho de 2013.

DURKHEIM, Emile. **Le forme Elementari dela vita religiosa.** Milano, Edizione de Comunitá, 1982.

Eric Hobsbawm & Terence Ranger (orgs.). **A invenção das tradições.** – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. Págs. 9-23.

ELIADE, Mircea, 1907 1986. **O sagrado e o profano/**Mircea Eliade; [tradução Rogério Fernandes]. – São Paulo: Martins Fontes, 1992. – (Tópicos) ISBN 85 336 00534

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral:** possibilidades e procedimentos. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006.

LÉLIS, Miriam. Entrevista concedida a Antonia Alaíde Veloso. Picos, 2017.

LIVROS TOMBO da igreja Matriz de Picos-PI, 1949-1975.

HOEBEL, E. Adason; FROST, Everett. **Antropologia Cultural e social.** Trad. Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Cultrix, 2006.

MACENA, Erisvânia Silva de. **Influencia da festa da padroeira no desenvolvimento cultural e econômico no Município de Guarabira** – PB, Erisvania Silva de Macena. – Guarabira: UEPB, 2010.

MORAIS, Marluce Lima de. **Em cada conta um lamento: incelências, benditos e rezas** / Marluce Lima de Moraes. – Lisboa: FBAUL: CIEBA: grupo de pesquisa – CNPq Memória, Ensino e Patrimônio Cultural, 2013.

PINHEIRO, Aurea, **Celebrações.**/ Aurea Pinheiro. Líder do diretório e Pesquisa Memória, Ensino e Patrimônio Cultural CNPq. 2009.

POLLAK, Michael, **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Michael Pollak, Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POLLAK, Michael, **Memória e identidade social,** Michael Pollak, Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SANTANA, Gislaíne Oliveira. **Dom Exedito Lopes-PI: Ritos e Devoções a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.** Monografia (Graduação em História), Universidade Federal do Piauí, Picos, 2014.

SOUSA, Maria Crislane da Silva, **Religiosidade Católica na cidade de Francisco Santos-PI: os festejos da Igreja Imaculado Coração de Maria no período de 1980 aos dias atuais.** Monografia (Graduada em Historia), Universidade Federal do Piauí, 2014.

TYLOR, A. H. J. **Antropologia cultural.** Mestre jou: São Paulo, 1963.

FIGURAS:

Figura 1: **Cemitério do Tanque, em 1914.**

Fonte: ALBANO, SILVA, 2011, p.141.

Figura 11. **Carro alegórico que leva a imagem da santa Nossa Senhora dos Remédios em procissão, nas ruas da cidade de Picos, 15 de agosto de 2017.** Fonte: arquivo pessoal de Antônia Alaíde Veloso.

Figura 6: **D. Augusto recebe a chave da cidade de Picos do prefeito Dr. José Nunes de Barros, em 1975.**

Figura: 5. **Devotos levando a imagem da santa Nossa Senhora dos Remédios em andor.** Data: Fonte:

Figura: 4. ACERVO e memória picoense. **Imagem da Igrejinha do Sagrado Coração de Jesus, localizada no centro da cidade de Picos. Data do início do povoamento.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/>>. Acesso em: 10 jun. 2017. p&b.

Figura: 3. ACERVO e memória picoense. **Imagem de Nossa Senhora dos Remédios padroeira da cidade de Picos.** Disponível em:

<<https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/>>. Acesso em: 10 jun. 2017. p&b.

Figura: 14. **Imagem da santa Nossa Senhora dos Remédios na igreja catedral de Picos.** Data: 2017. Fonte: <http://www.riachaonet.com.br/wpcontent/uploads/2017/08/categal7.jpg>

Figura: 7 ACERVO e memória picoense. **Município de Picos nos anos 1970.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/>>. Acesso em: 10 jun. 2017. p&b.

Figura: 2 ACERVO e memória picoense. **Mostra o início do povoamento da cidade de Picos. c. de 1925. Percebe-se a capela do Sagrado Coração de Jesus à esquerda.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/>>. Acesso em: 10 jun. 2017. p&b.

Figura 12. **Procissão religiosa próxima a Praça Felix Pacheco na cidade de Picos. Data em meados da década de 1950.** Fonte Disponível em: <<https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/>>. Acesso em: 10 jun. 2017. 4 foto p&b.

Figura 13. **Procissão religiosa seguindo as ruas da cidade de Picos. Data em meados da década de 1950.** Fonte Disponível em: <<https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/>>. Acesso em: 10 jun. 2017. 4 foto p&b.

Figura 5. **Posse como primeiro Bispo da Diocese de Picos. Data de 1975.** Fonte: COSTA

Figura: 15. **Representação da vinda da santa nossas Senhora dos Remédios para Picos.** Data 2017. Fonte: <http://www.riachaonet.com.br/wpcontent/uploads/2017/08/categal7.jpg>

Figura: 3. **Representando o escarvo carregando a imagem da santa Nossa Senhora dos Remédios,** 2017. Fonte: <http://www.riachaonet.com.br/wpcontent/uploads/2017/08/categal7.jpg>

Figura: 4. **Representação do coronel e do vaqueiro recebendo a imagem da santa nossa Senhora dos Remédios,** 2017, Fonte: <http://www.riachaonet.com.br/wpcontent/uploads/2017/08/categal7.jpg>



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (X) Monografia
 () Artigo

Eu, Antônia Gláide Veloso,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Religiosidade católica, procissões e
padroeira, fe que se tornou cultura na cidade
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título ^{de Picos}
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 10 de dezembro de 20 19

Antônia Gláide Veloso
 Assinatura

 Assinatura